



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

CAMILA TORRES SANTOS

**INOVAÇÃO SOCIAL NO NORDESTE BRASILEIRO: MAPEAMENTO DAS
INICIATIVAS NO CONTEXTO DO SUL GLOBAL**

SÃO CRISTÓVÃO

2025

CAMILA TORRES SANTOS

**INOVAÇÃO SOCIAL NO NORDESTE BRASILEIRO: MAPEAMENTO DAS
INICIATIVAS NO CONTEXTO DO SUL GLOBAL**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao
Departamento de Relações Internacionais como
requisito para obtenção do título de Bacharel em
Relações Internacionais.

Orientador: Geraldo Adriano Godoy de Campos

SÃO CRISTÓVÃO

2025

TERMO DE APROVAÇÃO

CAMILA TORRES SANTOS

INOVAÇÃO SOCIAL NO NORDESTE BRASILEIRO: MAPEAMENTO DAS INICIATIVAS NO CONTEXTO DO SUL GLOBAL

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao
Departamento de Relações Internacionais como
requisito para obtenção do título de Bacharel em
Relações Internacionais.

Orientador: Geraldo Adriano Godoy de Campos

Aprovado em 15 de abril de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Geraldo Adriano Godoy de Campos
Orientador - Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Edson Tomaz de Aquino
Examinador interno - Universidade Federal de Sergipe

Dra. Amanda Luiza Soares Silva
Examinador externo - Universidade Federal de Sergipe

*“When the last tree has fallen
And the rivers are poisoned
You cannot eat money.”*

(Cree Indian Proverb)

RESUMO

Os desafios contemporâneos — como as profundas desigualdades estruturais, a precariedade no acesso a recursos essenciais e as crises socioambientais — exigem respostas inovadoras que promovam transformações sistêmicas nos arranjos sociais. Nesse cenário, a Inovação Social (IS) tem ganhado destaque no campo das Relações Internacionais, sobretudo por sua capacidade de enfrentar tais desafios por meio da criação e implementação de novos produtos, serviços e modelos organizacionais voltados ao bem-estar coletivo. Diante disso, este trabalho tem como objetivo mapear e analisar iniciativas de IS desenvolvidas na região Nordeste do Brasil entre 2019 e 2024, buscando compreender suas dinâmicas e impactos. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa, que articula revisão sistemática de literatura, Análise de Redes Sociais (ARS) e o mapeamento empírico de 304 projetos fomentados por instituições públicas e privadas. A análise é estruturada em três eixos: (i) identificação e caracterização das iniciativas de IS; (ii) visualização das conexões e padrões colaborativos entre os atores envolvidos; e (iii) avaliação dos impactos sociais, econômicos e ambientais gerados. Os resultados evidenciam a formação de clusters temáticos, com destaque para áreas como agricultura sustentável e educação inclusiva, além de revelarem um alto grau de conectividade e potencial de cooperação entre os participantes. Constata-se, portanto, que a Inovação Social no Nordeste brasileiro atua como um vetor de transformação estrutural, promovendo modelos alternativos e colaborativos de desenvolvimento regional no Sul Global.

Palavras-chave: Inovação Social; Sul Global; Nordeste brasileiro; Mapeamento; Análise de Redes Sociais.

ABSTRACT

Contemporary challenges — such as deep structural inequalities, precarious access to essential resources, and socio-environmental crises — demand innovative responses that promote systemic transformations in social arrangements. In this context, Social Innovation (SI) has gained prominence in the field of International Relations, especially due to its capacity to address such challenges through the creation and implementation of new products, services, and organizational models aimed at collective well-being. Accordingly, this study aims to map and analyze SI initiatives developed in the Northeast region of Brazil between 2019 and 2024, seeking to understand their dynamics and impacts. Methodologically, it is a mixed-methods research that combines a systematic literature review, Social Network Analysis (SNA), and the empirical mapping of 304 projects supported by public and private institutions. The analysis is structured around three axes: (i) identification and characterization of SI initiatives; (ii) visualization of connections and collaborative patterns among the actors involved; and (iii) evaluation of the social, economic, and environmental impacts generated. The results highlight the formation of thematic clusters, particularly in areas such as sustainable agriculture and inclusive education, and reveal a high degree of connectivity and potential for cooperation among participants. It is thus observed that Social Innovation in Brazil's Northeast acts as a driver of structural transformation, promoting alternative and collaborative models of regional development in the Global South.

Keywords: Social Innovation; Global South; Northeastern Brazil; Mapping; Social Network Analysis.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fases da Metodologia para a Revisão da Literatura	21
Quadro 2 - Evolução do conceito de Inovação Social entre 1970 e 2023	33
Quadro 3 - Tipos de Inovação Social	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - As 20 Principais Publicações na Base de Dados da <i>Web of Science</i> pelo Methodi Ordinatio.....	28
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Redes Sociais Aplicadas as Iniciativas de IS da Região Nordeste entre 2019 e 2023 com o <i>Software Gephi</i>	27
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantitativo anual de projetos de IS na região Nordeste ao longo de 2019 a 2023.....	50
Gráfico 2 – Quantitativo de projetos de IS por Estado do nordeste ao longo de 2019 a 2023.....	51
Gráfico 3 – Distribuição de projetos de IS por área temática.	52
Gráfico 4 – Distribuição de projetos de IS por tipo de organização.....	53

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 Histórico da Inovação Social.....	16
2.2 Evolução Conceitual-Teórica: Definições e Modelos de IS.....	17
2.3 Inovação Social no Sul Global: As Repercussões em Países em Desenvolvimento ...	19
3. METODOLOGIA.....	19
3.1 Metodologia para a Revisão Sistemática.....	20
3.2 Metodologia para o Mapeamento das IS	22
3.2.1 Critérios de Seleção para Mapeamento.....	24
3.3 Metodologia para a Análise de Rede Social (ARS)	24
3.3.1 A Coleta de Dados.....	24
3.3.2 Construção da Rede Social.....	25
3.3.3 Análise da Rede.....	25
4. REVISÃO SISTEMÁTICA DA INOVAÇÃO SOCIAL - RESULTADOS DA APLICAÇÃO DO METHODI ORDINATIO	28
5. MAPEAMENTO DAS INICIATIVAS DE INOVAÇÃO SOCIAL	36
5.1 Tipologia de Inovação Social	36
5.2 Ferramentas para Mapeamento de IS	38
5.2.1 Análise de Redes Sociais (ARS)	38
5.2.2 Mapas de Impacto	38
5.2.3 Cartografia de Ativos	40
5.3 Distribuição geográfica e características dos projetos de IS no Brasil.....	41
5.3.1 Áreas de atuação predominantes	42
5.3.2 Perfil dos inovadores sociais.....	42
5.3.3 Modelos de negócio social.....	43
5.3.4 Estratégias de crescimento e replicação	43
5.3.5 Desafios na manutenção a longo prazo.....	44
5.3.6 O Papel da Tecnologia na Inovação Social	44
6. DIMENSÕES DAS INICIATIVAS DE IS NA REGIÃO NORDESTE	45
6.1 Abordagem das Inovações Sociais no Nordeste.....	46
6.2 Resultados da ARS das IS no Nordeste.....	47
6.3 Estatística Descritiva das IS no Nordeste.....	49
6.4 Impactos Observados	54
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS	57

1. INTRODUÇÃO

A contemporaneidade, em sua complexidade crescente, se configura como um campo de tensões sociais e ambientais de proporções globais, cujas interconexões desafiam a racionalidade tradicional e demandam uma reconfiguração radical das abordagens convencionais. As desigualdades estruturais, a fragilidade no acesso a recursos essenciais e as catástrofes ecológicas urgem por respostas inovadoras que não se restrinjam a intervenções pontuais, mas que promovam uma transformação sistêmica capaz de alterar as bases mesmas das estruturas sociais. Nesse contexto, a Inovação Social (IS) surge não como uma simples alternativa, mas como um alicerce estratégico para a criação de soluções sustentáveis e efetivas, que transcendem as limitações dos modelos instituídos. Ao contrário das abordagens tradicionais, que se concentram apenas na adoção de novas tecnologias ou na reformulação de processos existentes, a IS abarca uma arquitetura de colaboração e interação que reconceitua redes de poder, altera os modelos de governança e propicia mudanças estruturais que reverberam profundamente em comunidades e sistemas sociais (Van der Have; Rubalcaba, 2016; Cajaiba-Santana, 2014; Jiang e Thagard, 2014).

A verdadeira essência da IS não se limita à implementação de ideias inovadoras ou à criação de soluções criativas; ela propõe uma abordagem que reconhece a complexidade intrínseca das interações entre fatores sociais, econômicos e políticos. O simples enfrentamento de crises pontuais, por mais urgentes que sejam, é insuficiente frente à magnitude dos desafios contemporâneos. A urgência de construir respostas integrais, que abarquem as diversas dimensões da realidade humana, exige uma metodologia capaz de engendrar soluções que não só atendam a necessidades imediatas, mas que também formem bases resilientes para o futuro. A análise contemporânea da IS destaca precisamente essa necessidade de uma abordagem sistêmica que, longe de se limitar ao momento de sua aplicação, seja capaz de gerar efeitos duradouros e adaptáveis ao longo do tempo (Moulaert et al., 2013; Murray et al., 2010; André; Abreu, 2006).

Porém, mesmo com o crescente reconhecimento do valor da IS e os avanços que se dão no campo teórico e prático, o desafio de mensurar seu impacto e de sistematizar suas metodologias de atuação ainda persiste de forma significativa. Não se trata apenas de identificar boas práticas, mas de criar ferramentas que sejam capazes de captar as

dinâmicas que propiciam a expansão e a sustentabilidade dessas iniciativas, o que requer um olhar profundo sobre a natureza de suas interações e das estruturas que as sustentam.

Em sua definição mais ampla, a IS está intrinsicamente ligada à criação de valor social, que ultrapassa a simples resolução de problemas e alcança a transformação das estruturas subjacentes que os geram. Não é apenas uma solução para uma necessidade imediata, mas uma proposta de reconfiguração das dinâmicas de exclusão social, de empoderamento e de reintegração de indivíduos e coletivos excluídos dos processos de decisão e da circulação de recursos. Neste panorama, a IS assume um papel decisivo na tentativa de superar os desafios globais contemporâneos, com um foco específico no Sul Global. Esse espaço geopolítico, que congrega os países historicamente marginalizados, reflete uma realidade onde as narrativas dominantes do Norte Global ignoram as especificidades e a riqueza de experiências e saberes locais. O Sul Global, muitas vezes reduzido a uma "periferia", se apresenta não apenas como uma região geograficamente distante dos centros de poder, mas como um campo onde as dinâmicas de resistência, inovação e resistência se manifestam de maneiras complexas e inesperadas (Santos, 2002).

Inserido no contexto geopolítico do Sul Global, o Nordeste brasileiro, marcado por complexidades histórico-estruturais que perpassam suas dinâmicas de formação e desenvolvimento, é percebido como objeto de análise para as dinâmicas de Inovações Sociais, uma vez que se posiciona como campo estratégico para a aplicação de soluções criativas e efetivas, voltadas para a promoção de um crescimento inclusivo e sustentável, que reverbera em políticas públicas. Assim, o estudo das dinâmicas sociais inovativas neste espaço contribui para o entendimento e a construção de concepções que dialoguem com realidades de outras regiões do Sul Global. São muitas as iniciativas de IS que se destacam em cada estado do Nordeste, transformando realidades sociais e criando paradigmas de ação coletiva, como as *Tecnologias Sociais de Convivência com o Semiárido no Reuso das Águas*, na Bahia, que apresenta abordagem sustentável para a produção vegetal e animal no contexto da agricultura familiar; em Pernambuco, o projeto *Empreendeler*, desenvolve metodologia direcionada ao fortalecimento e empoderamento social de comunidades locais. Em Alagoas, o projeto da plataforma *ALEX*, promove uma solução digital que potencializa a educação híbrida inclusiva, com foco no protagonismo estudantil. Em Sergipe, o projeto *Biblioteca de Glossário de Sinais para Alfabetização*

Científica de Jovens Surdos contribui para a inclusão e ampliação do acesso ao conhecimento científico. No Ceará, o projeto *Comunidades Vivas*, voltado à disseminação de tecnologias sociais e à formulação de políticas públicas de segurança hídrica, visa à convivência sustentável com o semiárido. Na Paraíba, o *Pneu Ecoambiental* apresenta-se como solução de economia circular baseada na reutilização de resíduos do setor calçadista para a produção de borracha expandida reciclada. No Rio Grande do Norte, o projeto *Ginástica Artística* busca democratizar o acesso ao esporte, promovendo a inclusão social por meio da prática esportiva. Essas iniciativas, ao integrarem Inovação Social contribuem para a construção de soluções resilientes frente a desigualdades estruturantes.

A relevância desta investigação encontra-se na necessidade premente de mapear e decifrar as múltiplas facetas da Inovação Social (IS) no Nordeste brasileiro, evidenciando sua incidência no tecido social, nas dinâmicas econômicas e nos modelos de governança que sustentam o desenvolvimento regional. Cajaíba-Santana (2014) enfatiza que a IS emerge da interação dialética entre sujeitos e suas estruturas sociais, promovendo uma abordagem renovadora para problemáticas estruturais como desigualdade e exclusão. Assim, esta pesquisa propõe uma indagação central: como se configuram e se interconectam as iniciativas de IS na região Nordeste e quais são os efeitos tangíveis e intangíveis que produzem nos âmbitos social, econômico e ambiental? Ao lançar luz sobre o ecossistema da IS, este estudo busca revelar como tais iniciativas preenchem lacunas deixadas por políticas públicas tradicionais, catalisando um modelo de desenvolvimento que ressoa com as especificidades e desafios do território. Em sintonia com os debates contemporâneos acerca da IS e suas possibilidades transformatórias, este trabalho se dedica a examinar a tessitura e os impactos das redes de inovação na região, desvendando suas dinâmicas de cooperação, seus padrões evolutivos e suas contribuições para a construção de modelos sustentáveis e regenerativos de transformação social no Sul Global.

Não se trata apenas de um levantamento empírico, mas de um mergulho nas estruturas relacionais que sustentam e ampliam a potência dessas iniciativas. A pesquisa problematiza como essas redes se estabelecem, quais estratégias são adotadas para fortalecer a capilaridade das ações e de que forma tais experiências podem ser replicadas ou adaptadas a outros contextos periféricos. Assim, pretende-se não apenas mapear, mas

revelar nuances, tendências e caminhos que possam subsidiar recomendações para políticas públicas e estratégias de desenvolvimento com maior aderência à realidade local.

O percurso investigativo delinea três eixos fundamentais de análise. O primeiro consiste na identificação e caracterização das iniciativas de IS em funcionamento no Nordeste entre 2019 e 2024, com especial atenção à sua distribuição geográfica pelos nove estados e às áreas de atuação predominantes. O segundo eixo envolve a construção de um mapeamento das redes de colaboração entre essas iniciativas, valendo-se da Análise de Redes Sociais (ARS) como ferramenta para captar padrões de interação, nodos estratégicos e fluxos de conhecimento. O terceiro e último eixo busca compreender os impactos dessas iniciativas, avaliando sua incidência no campo social, econômico, ambiental e institucional, bem como seus desafios e suas potencialidades para a formulação de políticas mais eficazes e inclusivas no campo da inovação social.

A estrutura desta pesquisa segue um encadeamento que possibilita um aprofundamento progressivo das questões abordadas. O segundo capítulo delinea a fundamentação teórica, explorando a evolução conceitual da IS e os modelos que sustentam sua aplicabilidade, com especial enfoque nas dinâmicas do Sul Global e no panorama socioeconômico do Nordeste brasileiro. No terceiro capítulo, detalham-se as estratégias metodológicas, que combinam abordagens qualitativas e quantitativas, incluindo a análise documental e a ARS, além da exposição dos critérios de seleção das iniciativas e dos procedimentos de coleta e exame dos dados. O quarto capítulo apresenta o mapeamento das iniciativas identificadas, trazendo uma cartografia detalhada da IS na região. No quinto capítulo, a investigação se aprofunda nos contornos e repercussões dessas experiências, trazendo análises que extrapolam o diagnóstico e apontam para caminhos e desafios futuros. Por fim, o sexto capítulo sintetiza os achados da pesquisa e discute suas implicações para o campo da inovação social, sugerindo desdobramentos teóricos e práticos que possam ampliar o impacto e a sustentabilidade dessas iniciativas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde sua gênese, a Inovação Social tem sido gradualmente moldada e reformulada para atender às demandas emergentes da sociedade. A transição do conceito, que evoluiu de uma ideia abstrata de reforma social para um campo científico e aplicado, evidencia a profundidade e a relevância desse fenômeno na busca por soluções para os desafios contemporâneos. O presente capítulo realiza um resgate detalhado do desenvolvimento histórico e da evolução conceitual da Inovação Social. Ademais, contextualiza a importância desse conceito no âmbito do Sul Global, onde a Inovação Social se estabelece como uma vertente estratégica para o desenvolvimento inclusivo e a promoção da justiça social.

2.1 Histórico da Inovação Social

A Inovação Social tem uma história substancial que remonta ao século XIX. Inicialmente, era um conceito filosófico utilizado para reflexão sobre injustiças sociais e mudanças na sociedade. Pensadores como Robert Owen começaram a explorar ideias de reformas sociais, enquanto outros, como François Mignet e François Guizot, associavam a Inovação Social a revoluções e "choques violentos". No final do mesmo século, o sociólogo Gabriel Tarde deu um passo significativo ao transformar a Inovação Social de uma categoria filosófica abstrata para um paradigma científico. Ele via a sociedade como uma economia cada vez mais interconectada, onde as inovações se proliferavam devido a essa interconexão (Satalkina; Steiner, 2022).

O século XX testemunhou uma transformação mais profunda do conceito. A Inovação Social passou de uma construção filosófica para um termo definido, usado em relação a modelos práticos aplicados. Sociólogos e gestores começaram a formular elementos distintos da concepção científica, incluindo fatores, impulsionadores e atores principais (Satalkina; Steiner, 2022). No século XXI, a Inovação Social continua a evoluir como uma categoria científica e aplicada. Uma característica comumente observada é a relação da Inovação Social com a solução de problemas sociais. Pesquisadores contemporâneos, incluindo Phills (2008), Cajaiba-Santana (2014) e Moulaert (2016), ressaltam que a Inovação Social tem como objetivo principal a abordagem de necessidades e problemas sociais persistentes.

A Inovação Social tem sido amplamente discutida na literatura como um processo que busca responder a necessidades sociais não atendidas, promovendo novas formas de

organização e práticas sociais que, em última instância, resultam em transformações significativas nas estruturas sociais e econômicas (Logue, 2020; Saka-Helmhout et. al, 2021). Moulaert *et al.* (2005) destacam que a Inovação Social vai além da introdução de novos produtos ou serviços, envolvendo também a reconfiguração das relações sociais e de poder. Este conceito evolui continuamente, refletindo as complexidades e as especificidades dos contextos nos quais se manifesta.

2.2 Evolução Conceitual-Teórica: Definições e Modelos de IS

O conceito de inovação, sem dúvida, passou por mudanças fundamentais ao longo dos anos. Desde os estágios iniciais da industrialização, as noções de ciência e invenção técnica se estabeleceram como os principais impulsionadores de mudanças inovadoras. À medida que o tempo passou e nossa sociedade se tornou cada vez mais complexa, reconhecemos que os processos mais amplos de mudança têm importância primordial. Dentro do reino da economia, o papel das instituições e do homem econômico no processo de desenvolvimento surgiu como um tema central, lançando luz sobre a dinâmica intrincada que molda a inovação. Além disso, devemos reconhecer que as atividades de inovação são o resultado direto da criatividade humana. Ao aceitar essa crença, que sustenta que a mudança surge da atividade humana em sua interpretação mais ampla, começamos a desvendar a natureza social inerente de nossas sociedades. Essa percepção nos impulsionou em direção a uma compreensão mais abrangente das inovações, onde elas não são mais impulsionadas apenas pela invenção tecnológica. Em vez disso, eles são cada vez mais reconhecidos como sendo produzidos por meio da dança intrincada de todos os tipos de fenômenos e instituições que interagem, culminando em um cenário mais vasto e expansivo de possibilidades inovadoras (Sawyer; Henriksen, 2024; Gold, 2021; Tajeddini *et al.*, 2020).

Com a ampliação do papel das inovações, agora reconhecidas como produtos da ação humana e processos sociais predominantes, novos paradigmas emergem. O crescimento e o desenvolvimento não podem mais ser interpretados como meras formas de acumulação de capital, resultantes de um aumento do trabalho em condições competitivas. Em vez disso, o crescimento é entendido como um resultado de uma divisão do trabalho em constante transformação, caracterizada por um processo crescente de especialização e troca, que se sustenta em uma base viável. Assim, as mudanças não são

mais analisadas sob uma ótica puramente econômica, desvinculadas de desenvolvimentos políticos, institucionais e sociais paralelos, mas inseridas em um contexto social mais amplo. Negar às inovações suas características de fenômenos socialmente integrados seria uma abordagem reducionista. Todos os processos sociais, em sua totalidade, determinam o grau em que as inovações são efetivamente implementadas. Portanto, além do aumento da pesquisa em inovações de mercado, observa-se um crescente interesse nas condições sociais e nos processos que favorecem Inovações Sociais intencionais (Domanski *et al.*, 2020; Terstriep *et al.*, 2022; Bayuo *et al.*, 2020).

Pol e Ville (2009) definem Inovação Social como a criação de novos produtos, serviços e modelos que simultaneamente atendem a necessidades sociais e criam relações ou colaborações sociais. A colaboração com uma ampla gama de partes interessadas, como indivíduos, organizações, comunidades e governos, é crucial para a promoção de soluções que desafiam as fronteiras tradicionais do progresso social. Essa abordagem colaborativa e inclusiva é alinhada com a literatura que enfatiza a importância da cocriação e da participação ativa das partes envolvidas para o sucesso das iniciativas de Inovação Social (Phills, Deiglmeier & Miller, 2008). Nicholls e Murdock (2012) enfatizam que a IS não apenas aborda problemas sociais, mas também reformula as próprias estruturas sociais que geram esses problemas. Essa ênfase no impacto social é corroborada pela literatura, que aponta a necessidade de mensurar e avaliar continuamente os resultados para garantir que as inovações estejam cumprindo seu propósito de transformação social (Nicholls *et al.*, 2015).

Para que Inovação Social alcance sua função de ser, é preciso que esteja fundamentada em uma compreensão abrangente dos sistemas nos quais os problemas estão inseridos (Westley *et al.*, 2006). A abordagem sistêmica permite a tradução das causas subjacentes e a formulação de soluções de maneira holística. Essa perspectiva é evidenciada por Westley, Zimmerman e Patton (2006), que sustentam que a Inovação Social eficaz deve sempre considerar as interconexões entre fatores sociais, econômicos e ambientais. Além disso, a criatividade e a centralidade no usuário são fundamentais para assegurar que as soluções desenvolvidas sejam pertinentes e atendam às necessidades reais dos beneficiários (Phills *et al.*, 2008).

2.3 Inovação Social no Sul Global: As Repercussões em Países em Desenvolvimento

O conceito de "Sul Global" configura-se como uma categoria analítica fundamental para a compreensão das dinâmicas estruturais do sistema internacional contemporâneo. Referindo-se a nações historicamente marginalizadas nos circuitos de poder econômico e político, o termo substitui dicotomias geopolíticas obsoletas, como "Primeiro Mundo" e "Terceiro Mundo". No escopo da Teoria do Sistema-Mundo, Wallerstein (2004) classifica essas nações como parte da periferia do sistema capitalista global, caracterizadas por uma inserção subordinada na divisão internacional do trabalho. Em uma abordagem alternativa, Sousa Santos (2002) propõe que o Sul Global ultrapasse uma definição geográfica e seja compreendido como uma ferramenta sociopolítica que incorpora realidades de opressão, resistência e produção de conhecimento contra-hegemônico. A inovação social emerge nesse contexto como um mecanismo central para a transformação estrutural, oferecendo respostas a desafios sistêmicos por meio de soluções endógenas e participativas.

A literatura sobre desenvolvimento aponta que os países do Sul Global foram historicamente incentivados a adotar modelos exógenos de crescimento econômico, frequentemente descontextualizados de suas dinâmicas sociais e produtivas locais (Chang, 2003). No entanto, abordagens contemporâneas ressaltam a inovação social como alternativa a esse modelo, promovendo soluções alinhadas às necessidades contextuais e enfatizando a governança participativa (Niazi, 2023; Katapally & Bhawra, 2024; Yoon & Ho, 2024; Ribeiro, 2019). A implementação da inovação social no Sul Global enfrenta, no entanto, entraves significativos, como restrições financeiras, deficiências infraestruturais e barreiras institucionais. Lukhele & Soumonni (2020) argumentam que os modelos convencionais de financiamento falham ao desconsiderar as especificidades contextuais dessas inovações, impondo uma lógica exógena que frequentemente compromete sua efetividade. Além disso, a colonialidade do poder, conforme discutida por Quijano (2005), continua a estruturar desigualdades globais, perpetuando assimetrias na distribuição de recursos e oportunidades. Esse fator histórico influencia diretamente as dificuldades de implementação de práticas inovadoras, reforçando a necessidade de estratégias que levem em conta as heranças coloniais e promovam maior autonomia e autodeterminação dos atores locais.

Estudos recentes indicam que a inovação social, enquanto campo de investigação, opera como vetor de reconfiguração das relações socioeconômicas no Sul Global. Ao invés de soluções incrementais, observa-se um movimento de ressignificação das dinâmicas institucionais e produtivas, promovendo o desenvolvimento de ecossistemas adaptados às especificidades locais (Bega et al., 2021; Mdleleni & Velapi, 2022). O Brasil, inserido nesse panorama, desempenha um papel que, combinando características de economia emergente com desafios estruturais típicos da periferia global, adota uma política externa que prioriza a cooperação Sul-Sul, buscando ampliar sua influência geopolítica contra vulnerabilidades socioeconômicas internas (Amorim, 2011; Hurrell, 2010).

Diante desse cenário, a inovação social no Sul Global deve ser analisada não apenas como um mecanismo de mitigação de desigualdades, mas como um processo estruturante de transformação socioeconômica. A literatura destaca sua relevância para a formulação de políticas públicas sustentáveis e inclusivas, promovendo abordagens que transcendam a reprodução de dependências históricas e fomentem a construção de sistemas produtivos autônomos e resilientes (Mazzucato, 2013). Assim, compreender a inovação social nesses contextos exige um arcabouço analítico que integre dimensões estruturais, institucionais e epistemológicas, permitindo a formulação de estratégias eficazes para a promoção de um desenvolvimento equitativo e sustentável.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa adotou uma metodologia que integra abordagens qualitativas e quantitativas, combinando elementos exploratórios e descritivos, a fim de mapear e analisar as iniciativas de Inovação Social na região Nordeste do Brasil. A natureza exploratória da pesquisa viabiliza a identificação de fenômenos ainda pouco explorados ou reconhecidos na literatura, estabelecendo uma base sólida para a formulação de investigações futuras (Gil, 2008). Em contrapartida, a pesquisa descritiva visa descrever sistematicamente as características das iniciativas identificadas, com o intuito de compreender suas múltiplas dimensões e implicações (Severino, 2017).

3.1 Metodologia para a Revisão Sistemática

A *Methodi Ordinatio* é uma abordagem estruturada para a realização de revisões sistemáticas da literatura, cuja finalidade é organizar e orientar de maneira sistemática o

processo de busca, seleção, coleta e análise de documentos científicos. A adoção dessa metodologia possibilita a identificação e a classificação dos estudos mais pertinentes a um tema específico (Pagani; Kovalesski; Resende, 2015).

Um dos principais componentes dessa metodologia é o *Index Ordinatio*, uma ferramenta matemática desenvolvida para classificar a relevância científica dos artigos selecionados. Esta equação garante que os resultados da revisão sejam representativos da produção científica relevante na área de pesquisa em questão (Pagani; Kovalesski; Resende, 2015). A formulação da equação é a seguinte:

$$\text{Index Ordinatio} = \text{Fator de impacto do periódico} + N^{\circ} \text{ de citações recebidas} + 10\alpha - \alpha$$

O parâmetro α varia entre 1 (priorizando artigos mais antigos) e 10 (priorizando artigos mais recentes). Para esta pesquisa, optou-se por priorizar os artigos mais recentes, portanto, α foi fixado em 10. A busca foi realizada no ano de 2024 na base de dados *Web of Science* no dia 10 de maio. O fator de impacto utilizado foi o *JCR (Journal Citation Reports)*, métrica normalizada por categoria e campo, calculada e disponibilizada para todos os periódicos na *Web of Science*.

Com foco na *Methodi Ordinatio*, foi adotado um conjunto de passos para selecionar as publicações mais relevantes à condução da presente pesquisa, conforme descrito na Quadro 1:

Quadro 1 - Fases da Metodologia para a Revisão da Literatura

Fase	Etapas	Descrição
Desenho do Estudo	Seleção das Palavras de Busca	Escolheram-se termos relacionados a temática estudada para garantir a abrangência dos resultados. Assim o termo de busca foi “ <i>Innovat* Soci*</i> ” ¹ .
	Seleção da Base de Dados	Optou-se pela plataforma da <i>Web of Science</i> devido à sua abrangência e importância na área científica e acadêmica.
	Seleção dos Campos de Pesquisa	Incluíram-se títulos, resumos e palavras-chave.
	Seleção da Área de Estudo	Não se restringiu a áreas específicas, dada a natureza interdisciplinar do tema.

¹ O sinal gráfico “asterisco” (*) empregado funciona como um caractere curinga responsável pela expansão da busca. Nesse sentido, o sinal nos termos “*Innovat*” e “*Soci*” torna possível a inclusão de qualquer palavra que inicie com as sequências “*Innovat*” e “*Soci*”. Dessa forma, os resultados abrangeram uma variedade de termos como “*Innovation Social*”, “*Innovative Social*”, “*Innovations Social*”, “*Innovating Social*”, “*Innovator Social*” e “*Innovativeness Social*” (Manual WoS, 2024).

	Seleção do Período de Análise	Escolheu-se o período de 1970 a 2023 para cobrir a evolução histórica de relevância do conceito.
	Seleção das Técnicas e <i>Softwares</i> para Análise	Utilizou-se o <i>Methodi Ordinatio</i> e o <i>software VOSviewer</i> para análise de redes e mapeamento científico.
Coleta de Dados	Coleta de Dados na Base Seleccionada	Utilizou-se o <i>proxy</i> da Universidade Federal de Sergipe (UFS), acessando a <i>Web of Science</i> via Portal de Periódicos da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 10 de maio de 2024.
	Triagem Preliminar dos Dados Coletados	Filtrados os artigos e as revisões que continham " <i>Innovat* Soci</i> " nos títulos, retornando com o total de 4.954 publicações. Sem restrições quanto ao idioma.
	Triagem Detalhada dos Dados Coletados	Revisaram-se os títulos, resumos e palavras-chave para confirmar a relevância temática. A triagem detalhada retornou 328 publicações.
	Definição da Lista Final de Publicações	Compilou-se uma lista final de publicações, exportando os dados no formato CSV Excel para análise subsequente.
Análise Bibliométrica dos Dados Coletados	Análise de Desempenho das Publicações	Avaliou-se quantitativamente o desempenho das publicações por meio de métricas como número de citações e impacto do periódico (<i>Methodi Ordinatio</i>).

Fonte: Elaborado pela própria autora (2024)

3.2 Metodologia para o Mapeamento das IS

Para identificar as tendências inseridas nas fronteiras geográficas do espaço em estudo, o mapeamento foi conduzido por meio de técnicas de análise quantitativa aplicadas a bancos de dados, com especial ênfase na análise estatística descritiva. A análise de dados quantitativos, conforme apontado por Creswell (2014) e Babbie (2021), é fundamental para a identificação de padrões, pois proporciona uma compreensão mais objetiva e mensurável dos fenômenos sob investigação. Neste contexto, a aplicação dessas técnicas facilitou a visualização de padrões espaciais e temporais, e possibilitou a comparação sistemática entre diferentes iniciativas de inovação social, o que permitiu identificar suas características principais e avaliar seu impacto em diversas regiões. Para delimitar o escopo da análise, foram realizados os seguintes procedimentos:

- (1) O levantamento de dados sobre as iniciativas de Inovação Social (IS) foi conduzido com base na análise de documentos e relatórios de agências fomentadoras consolidadas na região nordeste do Brasil, como o Banco do Brasil, Banco Itaú, Banco do Nordeste e a Fundação de Amparo à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (Fapitec). Esses documentos foram coletados através de plataformas como as das próprias agências e do

Sistema de Acompanhamento de Projetos (SAP) mantido pelo Banco do Nordeste. A análise incluiu um total de 304 projetos fomentados entre 2019 e 2024, distribuídos pelos nove estados da região. As informações foram coletadas de maneira sistemática, seguindo a metodologia de análise documental conforme descrita por Bowen (2009). O acesso às plataformas de apoio e financiamento das iniciativas de IS foi feito de maneira direta e gratuita, utilizando fontes públicas na internet. Cada plataforma apresenta suas particularidades em termos de acesso e consulta as informações:

- a. Banco do Brasil (BB) - Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social. O Banco do Brasil mantém uma plataforma online aberta para consulta de projetos apoiados em diversas áreas de Inovação Social. O acesso foi feito por meio do portal de responsabilidade social do banco, que disponibiliza relatórios anuais de investimentos sociais.
- b. Banco Itaú - Programa Itaú Social: A oferece acesso público a dados de projetos financiados, com foco em educação e desenvolvimento comunitário. A pesquisa utilizou os relatórios de impacto social divulgados anualmente pelo banco.
- c. Banco do Nordeste (BNB) - o acesso aos dados sobre Inovação Social foi feito principalmente por meio da plataforma do Fundo de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNDECI), disponível no site oficial do banco (<https://www.bnb.gov.br/fundeci>). O FUNDECI é um programa de fomento que apoia projetos voltados para pesquisa aplicada, inovação e desenvolvimento. O acesso foi realizado diretamente por meio da seção de editais do FUNDECI, que disponibiliza os resultados das seleções e relatórios finais dos projetos.
- d. Fapitec (Sergipe) - Portal de Projetos de Inovação: A Fapitec possui um portal dedicado à divulgação de projetos financiados com recursos públicos.

- (2) A partir dos dados coletados, foram elaborados gráficos e análises de conteúdo e estruturais. A análise de conteúdo permitiu identificar padrões, categorias e temas emergentes nas iniciativas de Inovação Social mapeadas, oferecendo uma base para a interpretação dos dados qualitativos (Bardin, 2011). Essa técnica é particularmente útil para explorar as dimensões subjetivas e

simbólicas das práticas sociais (Krippendorff, 2013). A interpretação dos dados foi guiada por modelos teóricos de inovação social, com foco nas dimensões mais relevantes para o contexto do Nordeste do Brasil. Foram considerados aspectos como o empoderamento das comunidades, a sustentabilidade das práticas e o potencial de replicação das iniciativas em outras regiões (Murray; Caulier-Grice; Mulgan, 2010).

3.2.1 Critérios de Seleção para Mapeamento

O mapeamento foi conduzido com base em critérios que priorizam a relevância social, a inovação nas práticas adotadas e o impacto nas comunidades locais resultante das Inovações Sociais. De acordo com Murray, Caulier-Grice e Mulgan (2010), esse mapeamento possibilita uma análise em rede do progresso dos projetos, promovendo a avaliação contínua e a identificação de melhores práticas.

3.3 Metodologia para a Análise de Rede Social (ARS)

A implementação da ARS para esta pesquisa consistiu na coleta de dados, construção da rede social, análise da rede e interpretação dos resultados.

3.3.1 A Coleta de Dados

A coleta de dados envolveu a consolidação de informações provenientes de projetos financiados por instituições fomentadoras (Banco do Brasil, Banco Itaú, Banco do Nordeste e a Fapitec). Foram coletados 304 projetos, distribuídos em diferentes áreas de atuação, ao longo de 2019 e 2023. Os dados foram organizados em uma matriz² contendo os seguintes campos:

- *FUNDAÇÃO*: a instituição financiadora do projeto;
- *ID_PROJETO*: identificação única do projeto (código numeral);
- *TÍTULO*: nome do projeto;
- *INSTITUIÇÃO*: a organização executora do projeto;
- *NATUREZA*: tipo de instituição (Organização não Governamental (ONG), associação, cooperativa etc.);

² A matriz completa das iniciativas de IS localizadas estão compiladas nesta planilha. As informações sobre projetos associados a diferentes áreas de aplicação no Nordeste estão organizadas por fundações, títulos de projetos, natureza da instituição e áreas de aplicação.

- *AREA DE APLICAÇÃO*: campo de atuação do projeto (agricultura sustentável, desenvolvimento comunitário etc.).

3.3.2 Construção da Rede Social

Utilizando o *software Gephi* (v. 0.10.1) — selecionado por sua flexibilidade na aplicação de métricas de análise de redes (Bastian *et al.*, 2009) —, a rede social foi construída a partir de uma matriz de adjacência que representa as relações entre atores, definidas pela participação conjunta em projetos ou atuação em áreas similares.

3.3.3 Análise da Rede

A análise da rede concentrou-se em duas dimensões principais: a densidade da rede e os clusters.

3.3.3.1 Densidade da rede

A densidade da rede foi calculada para medir o grau de conectividade temática entre os projetos de IS, ou seja, o quão interligadas estão as diferentes organizações dentro da rede. Calculada através do *software Gephi*, a densidade foi registrada em 0,55, o que indica um alto nível de conectividade entre os atores. Em termos práticos, essa densidade significa que mais da metade das possíveis conexões entre os atores foi efetivamente realizada. A densidade de uma rede mede o grau de coesão entre os nós (ou atores) e é definida como a razão entre o número de conexões observadas e o número total de conexões possíveis.

$$D = 2 \times L / N \times (N - 1)$$

Onde:

- L é o número de ligações (arestas) reais entre os nós,
- N é o número de nós (ou projetos/atores) na rede.

Quando o valor da densidade se aproxima de 1, a rede é considerada muito conectada, indicando que a maioria ou todas as conexões possíveis estão presentes. No caso de uma densidade de 0,55, isso significa que 55% das conexões possíveis entre os nós estão estabelecidas, o que é considerado um nível relativamente alto de conectividade. Em redes sociais, um alto índice de densidade pode indicar maior coesão grupal e maior potencial para ações coletivas (Borgatti *et al.*, 2009). Em redes de inovação social, isso

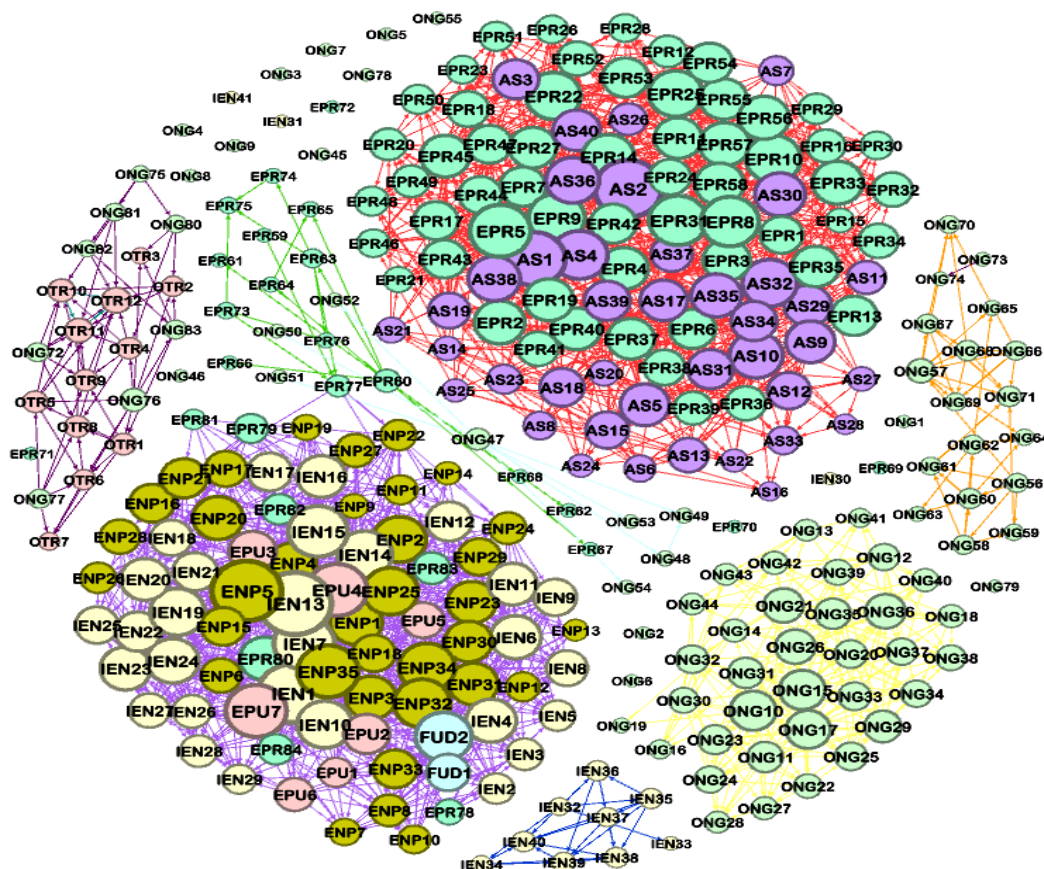
pode ser particularmente importante para o desenvolvimento de soluções coletivas e a difusão de inovações (Diani & McAdam, 2003).

3.3.3.2 *Clusters*

A análise de clusters foi realizada para identificar subgrupos ou comunidades dentro da rede, sugerindo a formação de coalizões em torno de áreas de interesse comum, como agricultura sustentável, desenvolvimento comunitário, e biotecnologia. Três subgrupos principais foram identificados dentro da rede: Subgrupo de Agricultura Sustentável e Biotecnologia (predominantemente composto por associações e empresas privadas); Subgrupo de Educação Inclusiva (formado por entidades públicas e empresas públicas e instituições de ensino); e o Subgrupo de Esportes (composto fundamentalmente por ONGs e organizações comunitárias).

A existência de clusters indica que os projetos e instituições tendem a se agrupar de acordo com suas áreas e interesses comuns. Esses subgrupos operam de forma semi-autônoma, mas permanecem conectados por meio de atores estratégicos que atuam como ponte entre os diferentes clusters, promovendo a colaboração intersetorial. Figura 1 apresenta o resultado da análise de redes feita através do *Gephi*.

Figura 1 – Redes Sociais Aplicadas as Iniciativas de IS da Região Nordeste entre 2019 e 2023 com o *Software Gephi*.



Fonte: Elaborado pela autora com base em consulta realizada nas plataformas fomentadoras do Banco do Brasil (Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social), Banco Itaú (Programa Itaú Social), Banco do Nordeste (FUNDECI), e Fapitec (Fundação de Amparo à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe), por meio de acesso direto às plataformas e aos relatórios disponíveis publicamente; através da utilização do *software Gephi* aplicado a matriz de IS selecionadas das plataformas do período 2019 e 2023 (2024).

Nesta pesquisa, o sistema de codificação utilizado para mapeamento dos projetos na análise da rede social é composto por um prefixo alfanumérico e um número sequencial, permitindo uma rápida identificação do tipo de instituição responsável e a diferenciação entre os projetos. A estrutura de codificação é definida por um prefixo de duas ou três letras que identifica o tipo de instituição (Associação, Empresa, Entidade Pública, ONG etc.) e um número único sequencial atribuído a cada projeto, em ordem crescente. Exemplos de codificação incluem AS28 para o projeto com ID nº 28, desenvolvido por associação, e EPR5 para projeto com ID nº 5 desenvolvido por empresa. O acesso a matriz de dados completa para obter mais informações sobre cada projeto,

incluindo o título completo e o código correspondente, é feito no link para a [Planilha de Matriz](#).

Com base nos dados da rede social (ARS), os diferentes clusters de projetos foram organizados em suas áreas de aplicação, com as seguintes correspondências de cores: vermelho (agricultura sustentável e biotecnologia), lilás (educação inclusiva), azul (eficiência energética e energias renováveis), amarelo (esporte), verde (desenvolvimento comunitário), laranja (saúde pública), roxo (tecnologia da informação, computação e inteligência artificial) e azul-claro (outros).

O algoritmo *Fruchterman–Reingold* foi usado para otimizar o layout da rede, agrupando nós que compartilham conexões próximas. Isso possibilita uma visualização objetiva dos clusters de projetos, destacando a intensidade de interações entre os projetos dentro de cada área.

4. REVISÃO SISTEMÁTICA DA INOVAÇÃO SOCIAL - RESULTADOS DA APLICAÇÃO DO METHODI ORDINATIO

Este capítulo reflete o estado da arte no campo da Inovação Social. Foi realizada a análise de conteúdo das definições e características da IS, fundamentada em uma busca sistemática que abrangeu os últimos cinquenta anos (1970-2023) de publicações acadêmicas. Para a coleta dos documentos, utilizou-se a plataforma *Web of Science*, empregando a metodologia *Methodi Ordinatio* para a recuperação dos documentos, conforme apresentado no capítulo 3. A Tabela 1 reúne os 20 trabalhos mais relevantes selecionados para compor esta seção de revisão da literatura.

Tabela 1 - As 20 Principais Publicações na Base de Dados da *Web of Science* pelo Methodi Ordinatio

	Título	Autores	Periódico	Citações	Ano	JCR	In Ordinatio
1	Social innovation: Moving the field forward, A conceptual framework	Cajaiba-Santana, G	Technological Forecasting And Social Change	538	2014	12	550
2	Social innovation research: An emerging area of innovation studies?	van der Have, RP; Rubalcaba, L	Research Policy	417	2016	7,2	444,2
3	Social Innovation and Social	Phillips, W; Lee, H; Ghobadian,	Group & Organization Management	390	2015	4,8	404,8

	Entrepreneurship: A Systematic Review	A; O'Regan, N; James, P					
4	Transformative social innovation and (dis)empowerment	Avelino, F; Wittmayer, JM; Pel, B; Weaver, P; Dumitru, A; Haxeltine, A; Kemp, R; Jorgensen, MS; Bauler, T; Ruijsink, S; O'Riordan, T	Technological Forecasting And Social Change	249	2019	12	311
5	'Shaken, but not stirred': Sixty years of defining social innovation	Edwards-Schachter, M; Wallace, ML	Technological Forecasting And Social Change	176	2017	12	218
6	Lessons for Responsible Innovation in the Business Context: A Systematic Literature Review of Responsible, Social and Sustainable Innovation Practices	Lubberink, R; Blok, V; van Ophem, J; Omta, O	Sustainability	167	2017	3,9	200,9
7	How Social Innovation 'Came to Be': Tracing the Evolution of a Contested Concept	Ayob, N; Teasdale, S; Fagan, K	Journal Of Social Policy	175	2016	2	197
8	Towards a theory of transformative social innovation: A relational framework and 12 propositions	Pel, B; Haxeltine, A; Avelino, F; Dumitru, A; Kemp, R; Bauler, T; Kunze, I; Dorland, J; Wittmayer, J; Jorgensen, MS	Research Policy	119	2020	7,2	186,2
9	Social innovation: Ten cases from Benjamin Franklin	Mumford, MD	Creativity Research Journal	300	2002	2,6	182,6
10	Social innovation, an answer to contemporary societal challenges? Locating the concept in theory and practice	Grimm, R; Fox, C; Baines, S; Albertson, K	Innovation-The European Journal Of Social Science Research	175	2013	2	167
11	Social innovation: a window on alternative ways of organizing and innovating	Tracey, P; Stott, N	Innovation-Organization & Management	128	2017	2,8	160,8
12	Narratives of change: How social innovation initiatives construct societal transformation	Wittmayer, JM; Backhaus, J; Avelino, F; Pel, B; Strasser, T; Kunze, I; Zijderwijk, L	Futures	103	2019	3	156

13	The concept of the Anthropocene as a game-changer: a new context for social innovation and transformations to sustainability	Olsson, Per; Moore, Michele-Lee; Westley, Frances R.; McCarthy, Daniel D. P.	Ecology And Society	118	2017	4,1	152,1
14	The dynamics of social innovation	Young, H. Peyton	Proceedings Of The National Academy Of Sciences Of The United States Of America	169	2011	11,1	150,1
15	Developing Social Entrepreneurs and Social Innovators: A Social Identity and Self-Efficacy Approach	Smith, IH; Woodworth, WP	Academy Of Management Learning & Education	163	2012	4,8	147,8
16	Intellectual evolution of social innovation: A bibliometric analysis and avenues for future research trends	Foroudi, P; Akarsu, TN; Marvi, R; Balakrishnan, J	Industrial Marketing Management	63	2021	10,3	143,3
17	Social innovation in emerging economies: A national systems of innovation based approach	Rao-Nicholson, R; Vorley, T; Khan, Z	Technological Forecasting And Social Change	98	2017	12	140
18	Translocal empowerment in transformative social innovation networks	Avelino, F; Dumitru, A; Cipolla, C; Kunze, I; Wittmayer, J	European Planning Studies	76	2020	2,8	138,8
19	An empirical investigation of social innovation initiatives for sustainable urban development	Angelidou, M; Psaltoglou, A	Sustainable Cities And Society	95	2017	11,7	136,7
20	Fostering Quality of Life through Social Innovation: A Living Lab Methodology Study Case	Edwards-Schachter, ME; Matti, CE; Alcántara, E	Review Of Policy Research	151	2012	2,1	133,1

Fonte: Elaborado pela autora com base em bibliografia consultada (2024).

A evolução do conceito de Inovação Social tem sido marcada por diversas tentativas de definição e refinamento ao longo do tempo. Grimm *et al.* (2013) argumentam que a Inovação Social oferece uma abordagem alternativa para resolver problemas sociais que não são adequadamente abordados pelas políticas públicas tradicionais ou pelo mercado. A análise dos autores enfatiza a necessidade de uma

abordagem que inclua a criação de redes de suporte, a oferta de financiamento e a promoção de uma cultura de inovação dentro das comunidades.

Nessa perspectiva, Cajaiba-Santana (2014) propõe um quadro conceitual que enfatiza a interação entre agência e estrutura na promoção de transformações sociais. O autor argumenta que a compreensão plena da Inovação Social requer a consideração das dinâmicas sociais e institucionais que moldam as ações de indivíduos e grupos. Esse framework sugere que a Inovação Social emerge da intersecção entre atores sociais e suas estruturas contextuais, promovendo uma abordagem interdisciplinar que integra perspectivas da sociologia, economia e estudos de inovação.

Em paralelo, van der Have e Rubalcaba (2016) e Foroudi *et al.* (2021) investigam se a pesquisa em Inovação Social pode ser considerada uma área emergente dentro dos estudos de inovação. Eles conduzem uma análise bibliométrica e qualitativa das publicações sobre o tema, identificando um crescimento no número de estudos e uma diversificação das abordagens teóricas e metodológicas. As pesquisas revelam que, embora ainda existam debates sobre a definição precisa do termo, há um consenso estrutural sobre a importância da Inovação Social como um campo de estudo legítimo e necessário.

Phillips *et al.* (2015) ampliam essa discussão ao realizar uma revisão sistemática que estabelece uma conexão entre Inovação Social e empreendedorismo social. Os autores argumentam que há uma convergência cada vez maior entre esses domínios, ambos centrados na criação de valor social e na relevância das redes e parcerias intersetoriais. A revisão identifica diversas práticas e modelos que têm se mostrado eficazes na promoção da Inovação Social, ressaltando a importância de um "sistema de inovação" que abarca múltiplos stakeholders. Nessa direção, Edwards-Schachter e Wallace (2017) identificam uma evolução nas práticas e teorias que enfatizam a co-criação e a colaboração intersetorial nas iniciativas de IS.

Avelino *et al.* (2019) aprofundam essa dimensão ao investigar a Inovação Social transformadora e os processos de (des)empoderamento. Os autores propõem que a Inovação Social possui o potencial de reconfigurar as relações de poder na sociedade, tanto empoderando quanto desempoderando diferentes grupos sociais. Por meio de uma série de estudos de caso, demonstram como iniciativas de Inovação Social podem criar novas oportunidades para grupos marginalizados, ao mesmo tempo em que desafiam as

estruturas de poder estabelecidas. Esta análise detalha os mecanismos pelos quais a Inovação Social pode facilitar ou obstruir processos de empoderamento, sugerindo que os resultados são frequentemente contextuais e dependem de uma complexa interação de fatores sociais, econômicos e políticos.

A análise proposta por Olsson *et al.* (2017) introduz o conceito de Antropoceno como um novo paradigma para a Inovação Social e as transformações necessárias em direção à sustentabilidade. Os autores argumentam que a compreensão do Antropoceno — uma era geológica marcada pelo impacto profundo das atividades humanas sobre o planeta — demanda a formulação de novas abordagens para a Inovação Social, aptas a enfrentar os desafios ambientais e sociais interligados. O estudo enfatiza que a Inovação Social, no contexto do Antropoceno, deve ser fundamentada em princípios de sustentabilidade e resiliência, promovendo soluções que não apenas abordem problemas imediatos, mas que também fortaleçam a capacidade das comunidades de se adaptarem e prosperarem diante de mudanças futuras. Os autores ressaltam a importância da integração de saberes provenientes da ecologia, sociologia e economia para a elaboração de estratégias de Inovação Social que sejam verdadeiramente transformadoras.

A investigação empírica conduzida por Angelidou e Psaltoglou (2017) acerca das iniciativas de IS voltadas para o desenvolvimento urbano sustentável oferece um modelo ilustrativo da aplicação prática dessas teorias. Os autores analisam a implementação de diversos projetos de Inovação Social em várias cidades, com o objetivo de aprimorar a qualidade de vida dos cidadãos, abordando temas cruciais como mobilidade urbana, inclusão social e sustentabilidade ambiental. Os resultados do estudo indicam que as iniciativas de Inovação Social, quando devidamente planejadas e executadas com a participação ativa dos residentes, podem ser extremamente eficazes na promoção de um desenvolvimento urbano sustentável.

Compreendendo a evolução da Inovação Social, a literatura então sugere uma relação potencial entre diversos tipos de inovações e o desempenho das organizações. Entre as décadas de 1960 e 1970, a Inovação Social estava limitada à qualificação e ao trabalho. No final do século, a temática passou a se relacionar principalmente com políticas sociais e ordenamento territorial. Com o tempo, a Inovação Social distanciou-se da inovação tecnológica, assumindo um caráter não mercantil e coletivo, focado na transformação das relações sociais. A Inovação Social tornou-se uma alternativa ou até

uma ruptura ao modo hegemônico de organização econômica e social. O Quadro 2 mostra a evolução do conceito de Inovação Social ao longo dos anos entre 1970 e 2023.

Quadro 2 - Evolução do conceito de Inovação Social entre 1970 e 2023.

Ano	Conceito	Autor(res)
1970	Formas melhoradas de ação, novas maneiras de fazer as coisas, novas invenções sociais.	Taylor (1970)
1998	Criação e manutenção de vantagens competitivas para as empresas, garantindo também sua continuidade e sustentabilidade.	Porter (1998)
2002	Novas ideias sobre como as pessoas devem organizar atividades interpessoais ou interações sociais para atingir um ou mais objetivos comuns.	Mumford (2002)
2003	Nova resposta com efeito duradouro direcionada a uma situação social considerada insatisfatória que busca o bem-estar de indivíduos e/ou comunidades.	Cloutier (2003)
2003	Inovação é definida como um produto ou processo novo ou aprimorado (ou uma combinação de ambos) que difere significativamente de produtos ou processos anteriores, e que foi disponibilizado para usuários em potencial ou trazido para uso por determinado grupo de pessoas.	OCDE/Eurostat
2005	Inovação Social depende de satisfazer as necessidades humanas básicas, aumentar a participação política de grupos marginalizados e aumentar a capacidade sociopolítica e o acesso a recursos para fortalecer os direitos que levam à satisfação das necessidades básicas e aumentam a participação.	Novy; Leubolt (2005)
2006	A Inovação Social visa criar e desenvolver valor social, não apenas valor econômico.	Mulgan (2006)
2006	Inovação Social busca gerar mudança social, relacionando-se à satisfação de necessidades humanas não atendidas pelo mercado, à promoção da inclusão social e ao empoderamento de indivíduos socialmente excluídos, visando alterar as relações de poder.	André; Abreu (2006)
2006	Resultado de um conjunto de respostas e efeitos cujas necessidades não estão sendo atendidas por outros atores, nomeadamente pelo Estado e pelo mercado.	Young (2006)
2007	Inovação Social identifica e responde às necessidades da sociedade.	Shaw; Carter (2007)
2007	Uma ferramenta para o desenvolvimento urbano focada em atender às necessidades humanas por meio da inovação nas relações de comunidade e na governança comunitária.	Moulaert <i>et al.</i> (2007)
2007	Atividades e serviços inovadores que são motivados pelo objetivo de satisfazer necessidades sociais que são essencialmente desenvolvidas e disseminadas por meio de organizações com fins sociais.	Mulgan <i>et al.</i> (2007)
2008	Novas soluções para responder a um problema social que são mais eficazes, eficientes, sustentáveis ou justas do que as soluções anteriores. O valor criado envolve a sociedade em geral, em vez de indivíduos.	Phills <i>et al.</i> (2008)
2008	É uma atividade e/ou processo que visa descobrir, definir e explorar oportunidades para criar, de maneira inovadora, "riqueza social" por meio de novas ou existentes organizações.	Zahra <i>et al.</i> (2008)
2009	Nova ideia cujo potencial se concentra na melhoria da qualidade de vida.	Pol; Ville (2009)

2010	Inovação Social refere-se a novas ideias (produtos, serviços e modelos) que atendem às necessidades sociais e aumentam a capacidade de ação da sociedade.	Murray <i>et al.</i> (2010)
2010	O objetivo da Inovação Social é melhorar o bem-estar coletivo.	Dawson; Daniel (2010)
2010	Enquanto as inovações tradicionais visam a competição, as inovações sociais focam na cooperação e colaboração. Assim, métricas, modelos e métodos utilizados para inovações tradicionais nem sempre podem ser diretamente aplicados aos processos e produtos da Inovação Social.	Murray; Caulier-Grice; Mulgan (2010)
2011	Inovação Social é o resultado da aplicação do conhecimento às necessidades sociais, envolvendo participação e cooperação, traduzindo-se em soluções para grupos marginalizados.	Bignetti (2011)
2011	A Inovação Social é resultado da ação de indivíduos visionários que conseguem encontrar soluções inovadoras para problemas sociais em sua comunidade.	Bacq; Janssen (2011)
2013	Inovação Social é analisada com base nas transformações nas relações sociais e no empoderamento, sendo novas práticas sociais surgidas de ações coletivas.	Moulaert <i>et al.</i> (2013)
2013	Inovação Social como fator para as organizações alcançarem seus objetivos.	Braga; Braga (2013)
2014	Inovação Social gera produtos e mudanças criativas inspirados por necessidades sociais que transmitem valor à sociedade ao atender essas necessidades.	Jiang e Thagard (2014)
2014	O que subjaz ao caminho da Inovação Social não é um problema social a ser resolvido, mas a mudança social que ela traz.	Cajaiba-Santana (2014)
2015	Inovação Social enfrenta desafios na mudança de atitudes, comportamentos ou percepções de grupos, levando a novas formas de colaboração e melhoria social.	Voorberg <i>et al.</i> (2015)
2016	Inovação Social aponta para a função de criar valor social da inovação.	Van der Have; Rubalcaba (2016)
2016	Inovação Social é gerador de valor social, abordando problemas comunitários e envolvendo múltiplas disciplinas como empreendedorismo social e design.	Moulaert (2016)
2017	A Inovação Social é uma abordagem que abrange as esferas política, ambiental, econômica, cultural e social.	Pérez; Lutsak-Yaroslava (2017)
2021	A Inovação Social refere-se a elaboração de mecanismos para transições sustentáveis.	Foroudi <i>et al.</i> (2021)
2022	Inovação Social é objeto integrada com transições energéticas comunitárias.	Dall-Orsoletta <i>et al.</i> (2022)
2023	A Inovação Social é uma ferramenta para a sustentabilidade, refletindo a evolução contínua e o aumento da importância acadêmica da área.	Havas <i>et al.</i> (2023)

Fonte: Elaborada pela autora com base em bibliografia consultada (2024).

A revisão bibliográfica realizada e a análise da evolução conceitual permitiram evidenciar a progressiva distinção do conceito de Inovação Social em relação à mera inovação tecnológica. Este conceito emergiu como um campo complexo que abrange transformações significativas nas relações sociais, políticas e econômicas. A inclusão de autores como Cajaiba-Santana e Moulaert fortaleceu a perspectiva de que a Inovação Social transcende respostas imediatas a problemas locais, promovendo, de fato, uma

reconfiguração estrutural e sistêmica das comunidades afetadas. Essa trajetória fundamenta a pesquisa no entendimento de que as iniciativas identificadas no Nordeste do Brasil servem como exemplos práticos dessa transformação. Estas iniciativas, quando apoiadas na interação dinâmica entre agência e estrutura, enfatizam a importância da co-criação, da sustentabilidade e do empoderamento comunitário. Além disso, essa evolução teórica não apenas legitima o campo de estudo da inovação social, mas também oferece ferramentas metodológicas para a análise crítica das dinâmicas em jogo. Destaca-se, assim, a relevância das especificidades regionais e os desafios singulares enfrentados no contexto do Sul Global.

5. MAPEAMENTO DAS INICIATIVAS DE INOVAÇÃO SOCIAL

O capítulo aborda as tipologias e ferramentas utilizadas para identificar, classificar e categorizar as iniciativas de Inovação Social. Em seguida, explora metodologias específicas de mapeamento, como a Análise de Redes Sociais, Mapas de Impacto e Cartografia de Ativos. Também examina a distribuição geográfica das iniciativas a nível nacional e regional, analisando suas áreas de atuação, perfis dos inovadores sociais e modelos de negócios predominantes.

5.1 Tipologia de Inovação Social

As inovações de produtos e serviços são, talvez, as mais visíveis e tangíveis. Elas incluem o desenvolvimento de tecnologias assistivas e serviços inovadores que visam melhorar a acessibilidade e a qualidade de vida de grupos marginalizados (Hulgård; Ferrarini, 2010). Inovações de processos, por sua vez, envolvem a adoção de novos métodos ou práticas que aumentam a eficiência ou a eficácia em contextos sociais, como práticas agrícolas sustentáveis que harmonizam produtividade e conservação ambiental (Correia *et al.*, 2018). Na esfera organizacional, as inovações de governança e gestão introduzem novas formas de participação e inclusão, como modelos de governança colaborativa que envolvem diversos stakeholders no processo decisório, promovendo transparência e accountability (Gómez *Et al.*, 2015). Similarmente, inovações de modelos de negócio redefinem a criação, entrega e captura de valor, exemplificadas pelo microcrédito, que democratiza o acesso ao capital financeiro (Bezerra-de-Sousa; Teixeira, 2019). Inovações de políticas públicas representam intervenções governamentais destinadas a solucionar problemas sociais específicos, seja através da implementação de novas políticas ou da modificação de regulamentações existentes para melhor atender às necessidades sociais (Hulgård; Ferrarini, 2010). Por fim, as inovações culturais abordam mudanças nas normas, valores e comportamentos sociais, promovendo, por exemplo, a igualdade de gênero ou a inclusão social (Aros; Figueiredo, 2014). O Quadro 3 apresenta os diversos tipos de Inovação Social.

Quadro 3 - Tipos de Inovação Social

Inovação Social	Descrição	Exemplos	Referências
Inovações de Produtos e Serviços	Introdução de novos produtos ou serviços que atendem a necessidades sociais de maneira mais eficaz ou inclusiva.	Tecnologias assistivas para pessoas com deficiência.	PHILLS, J. A.; DEIGLMEIER, K.; MILLER, D. T. Rediscovering Social Innovation. <i>Stanford Social Innovation Review</i> , 2008.
Inovações de Processos	Novos métodos ou práticas que melhoram a eficiência ou a eficácia das operações sociais.	Práticas de agricultura sustentável.	PHILLS, J. A.; DEIGLMEIER, K.; MILLER, D. T. Rediscovering Social Innovation. <i>Stanford Social Innovation Review</i> , 2008.
Inovações de Governança e Gestão	Novas formas de organização e gestão que promovem participação e inclusão.	Modelos de governança colaborativa.	MURRAY, R.; CAULIER-GRICE, J.; MULGAN, G. <i>The Open Book of Social Innovation</i> . Nesta and the Young Foundation, 2010.
Inovações de Modelos de Negócio	Novas formas de criar, entregar e capturar valor para resolver problemas sociais.	Microcrédito para pequenos empreendedores.	MURRAY, R.; CAULIER-GRICE, J.; MULGAN, G. <i>The Open Book of Social Innovation</i> . Nesta and the Young Foundation, 2010.
Inovações de Políticas Públicas	Novas políticas ou programas governamentais voltados para resolver problemas sociais.	Regulamentações para igualdade de gênero no local de trabalho.	NICHOLLS, A.; ZIEGLER, R. <i>Creating Economic Space for Social Innovation</i> . Oxford University Press, 2019.
Inovações Culturais	Mudanças em normas, valores e comportamentos sociais.	Campanhas de conscientização sobre igualdade de gênero.	PHILLS, J. A.; DEIGLMEIER, K.; MILLER, D. T. Rediscovering Social Innovation. <i>Stanford Social Innovation Review</i> , 2008.
Inovações Sociais Digitais	Uso de tecnologias digitais para criar soluções para problemas sociais.	Plataformas de crowdfunding para projetos comunitários.	NICHOLLS, A.; ZIEGLER, R. <i>Creating Economic Space for Social Innovation</i> . Oxford University Press, 2019.
Inovações Sociais Frugais	Soluções simples, acessíveis e escaláveis, especialmente relevantes em contextos de recursos limitados.	Fogões solares em áreas rurais de países em desenvolvimento.	PRABHU, J.; JAIN, S. Innovation and entrepreneurship in developing economies: Perspectives from India. <i>Journal of International Business Studies</i> , v. 46, n. 5, p. 497-503, 2015.
Inovações Sociais Sustentáveis	Soluções que alinham objetivos sociais e ambientais para promover a sustentabilidade a longo prazo.	Programas de reciclagem comunitária.	BINDER, J. K.; HANSMEIER, M. The dual challenge of social innovation: How to foster environmental and social benefits? <i>Journal of Cleaner Production</i> , v. 256, 2020.

Fonte: Elaborado pela autora com base em bibliografia consultada (2024).

5.2 Ferramentas para Mapeamento de IS

5.2.1 Análise de Redes Sociais (ARS)

A ARS permite a visualização das interações entre os diversos atores envolvidos em projetos de IS (Freeman, 2011). A ferramenta identifica os atores mais influentes dentro de uma rede, revelar padrões de colaboração e ajudar a entender como o conhecimento e os recursos são compartilhados (Valente, 2010; Cross; Parker, 2004). Padrões de colaboração eficientes são fundamentais para o desenvolvimento de projetos de IS, conforme discutido por Borgatti *et al.* (2009). Segundo Fialho (2014), a ARS serve como um caminho decodificar os fluxos de informação que influenciam o poder em contextos organizacionais.

Um dos principais desafios enfrentados na gestão do conhecimento reside na necessidade de traduzir o conhecimento tácito em explicitamente compartilhável, sendo o contato relacional a forma preponderante para tal transferência. Através de técnicas de ARS, é possível diagnosticar a transferência de conhecimento dentro das organizações (Guimarães; Melo, 2005). Menezes (2013) afirma que a ARS oferece uma visualização precisa da dinâmica relacional, permitindo identificar canais de informação e atores, o que favorece decisões gerenciais embasadas sobre capital intelectual e facilita reestruturações organizacionais.

Fialho (2014) destaca que a estrutura das redes compreende três elementos fundamentais: (1) Nós ou atores, que representam os membros do grupo, podendo ser pessoas, grupos ou empresas, e são tipicamente representados por círculos; (2) Vínculos ou relações, que configuram as conexões entre os nós e são representados por linhas; e (3) Fluxos, que indicam a direção da relação e são simbolizados por setas, podendo ser unidirecionais ou bidirecionais. A ausência de fluxos entre um ator e os demais indica que ele é um nó isolado, enquanto várias setas direcionadas a um ator podem sugerir que ele é um expert ou um gargalo na rede (Guimarães; Melo, 2005).

5.2.2 Mapas de Impacto

Identificam e descrevem os impactos esperados e alcançados por projetos de IS. Esses mapas ajudam a rastrear o progresso em direção aos objetivos de impacto e a comunicar os resultados de forma clara e visual (Rogers, 2014).

O processo de monitoramento dos impactos, conforme delineado por Weiss (1995), exige uma abordagem metodológica rigorosa e baseada em teorias de mudança bem estabelecidas. Weiss propõe que a avaliação de programas sociais deve ser estruturada em torno de um modelo teórico que explicita as relações causais e os mecanismos subjacentes às mudanças esperadas. Essa abordagem permite não só a identificação dos resultados, mas também a compreensão dos processos que levaram a esses impactos, oferecendo uma base sólida para a tomada de decisões informadas e para a reorientação estratégica quando necessário. A relevância dessa metodologia reside na sua capacidade de fornecer uma análise crítica e profunda dos impactos, considerando as complexidades e as variáveis contextuais que influenciam os resultados em projetos de IS.

Mais recentemente, a literatura sobre avaliação de impacto tem enfatizado a importância da adaptação das metodologias tradicionais para contextos de Inovação Social, onde os impactos são frequentemente complexos e multifacetados. Segundo Gertler *et al.* (2016), a utilização de Mapas de Impacto em IS deve considerar não apenas os resultados imediatos, mas também os impactos a longo prazo e os efeitos indiretos das intervenções. A visualização desses impactos em mapas facilita a identificação de padrões emergentes e interconexões entre diferentes componentes do projeto, promovendo uma análise holística que abrange tanto os efeitos diretos quanto os colaterais das ações implementadas.

A comunicação eficaz dos impactos, destacada por Patton (2008), é fundamental para garantir que os resultados dos projetos sejam compreendidos e valorizados por uma diversidade de stakeholders, incluindo financiadores, comunidades locais e formuladores de políticas.

Além disso, a incorporação de tecnologias digitais e de visualização de dados nos Mapas de Impacto tem ampliado ainda mais sua eficácia e alcance. Conforme argumentado por Kania e Kramer (2016), o uso de plataformas digitais para a criação e disseminação de mapas de impacto permite uma atualização contínua dos dados e a participação ativa dos stakeholders no processo de avaliação. Essas tecnologias possibilitam uma análise dinâmica e em tempo real dos impactos, promovendo uma cultura de aprendizagem e adaptação dentro das organizações que implementam projetos de IS. Essa abordagem participativa e tecnológica fortalece o compromisso com a

transparência e a accountability, ao mesmo tempo que fomenta uma compreensão mais profunda e compartilhada dos impactos sociais gerados.

5.2.3 Cartografia de Ativos

Esta metodologia, fundamentada nos trabalhos pioneiros de Kretzmann e McKnight (1993), é projetada para mapear e mobilizar os ativos locais, compreendendo competências individuais, redes sociais, instituições e infraestruturas. Contrapõe-se às abordagens tradicionais que muitas vezes focam nas deficiências ou carências das comunidades, oferecendo uma perspectiva positiva e empoderadora, onde os próprios membros da comunidade são reconhecidos como agentes de mudança, com recursos valiosos a serem mobilizados para o desenvolvimento social.

De acordo com Kretzmann e McKnight (1993), a metodologia de Desenvolvimento Comunitário Baseado em Ativos (Asset-Based Community Development - ABCD) busca revelar os talentos e recursos ocultos nas comunidades, frequentemente negligenciados por abordagens convencionais que se concentram exclusivamente nas necessidades e problemas. A Cartografia de Ativos promove a identificação de recursos tangíveis e intangíveis, como habilidades individuais, organizações locais, redes de apoio e infraestruturas comunitárias, que podem ser utilizados de forma estratégica para promover a Inovação Social. Os autores argumentam que a valorização desses ativos locais não só fortalece a coesão social, mas também fomenta a autossuficiência e a resiliência comunitária, aspectos fundamentais para o sucesso das iniciativas de IS.

Beaulieu (2002) complementa essa perspectiva, enfatizando que a identificação de ativos deve ser seguida de um processo de mobilização, onde os recursos mapeados são alinhados com as necessidades e oportunidades de desenvolvimento local. Este processo de mobilização é essencial para a construção de capital social, pois promove a colaboração entre os diferentes atores comunitários, criando redes de apoio que podem sustentar iniciativas de Inovação Social a longo prazo. O autor também aponta que a Cartografia de Ativos pode servir como um ponto de partida para a construção de parcerias entre comunidades, organizações não governamentais e governos locais, facilitando o acesso a recursos adicionais e o fortalecimento das capacidades locais.

Cunningham (2003) acrescenta que a Cartografia de Ativos é particularmente eficaz em contextos em que as comunidades enfrentam desafios significativos, como a pobreza, a exclusão social ou a falta de serviços básicos. Em tais contextos, a identificação de ativos locais pode revelar recursos e capacidades que são fundamentais para a sobrevivência e a resistência comunitária, mas que podem não ser imediatamente visíveis através de métodos de avaliação tradicionais. O autor sugere que a Cartografia de Ativos pode ser utilizada como uma ferramenta estratégica para desenhar intervenções que não só atendam às necessidades emergentes, mas que também construam sobre as fortalezas existentes, promovendo um desenvolvimento mais sustentável e inclusivo.

5.3 Distribuição geográfica e características dos projetos de IS no Brasil

A distribuição geográfica das iniciativas de Inovação Social no Brasil é um reflexo das profundas disparidades socioeconômicas que permeiam o país. As regiões mais desenvolvidas, como o Sudeste, especialmente em estados como São Paulo e Rio de Janeiro, apresentam uma concentração significativa de projetos inovadores. De acordo com o Censo de Inovação do IBGE, mais de 60% das empresas inovadoras estão localizadas nessas regiões, evidenciando uma correlação entre desenvolvimento econômico e a capacidade de fomentar Inovações Sociais (IBGE, 2020).

Por outro lado, regiões como o Norte e o Nordeste, que enfrentam desafios socioeconômicos mais acentuados, apresentam menor número de iniciativas de inovação social. Isto pode ser atribuído a fatores como acesso limitado a recursos financeiros, infraestrutura precária e menor investimento em educação e capacitação. Um levantamento realizado pela Ashoka Brasil em 2021 revelou que, embora haja um crescente movimento de Inovação Social emergente nessas regiões, a maioria dos projetos ainda é incipiente e carece de apoio para escalar e impactar efetivamente as comunidades locais (Ashoka Brasil, 2021).

É importante destacar também que a geografia das iniciativas de Inovação Social é influenciada por parcerias entre governos, organizações não governamentais, instituições acadêmicas e empresas. Segundo o relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), regiões com maior colaboração entre esses setores tendem a gerar uma maior quantidade de projetos inovadores, mostrando a importância de um ecossistema colaborativo para a promoção da Inovação Social (BID, 2019).

A utilização de tecnologias digitais tem também desempenhado um papel crucial na ampliação do alcance dessas iniciativas, permitindo que projetos localizados em áreas remotas ganhem visibilidade e consigam mobilizar recursos e apoio. O Programa de Aceleração de Soluções para o Desenvolvimento (PASD), promovido pela Fundação Lemann, é um exemplo de como a tecnologia tem sido utilizada para conectar iniciativas em regiões menos favorecidas a uma rede de investidores e mentores, facilitando o desenvolvimento de soluções adaptadas às necessidades locais (Fundação Lemann, 2022).

5.3.1 Áreas de atuação predominantes

As iniciativas de Inovação Social no Brasil abrangem diversas áreas de atuação, com foco em desafios sociais persistentes. Algumas das áreas predominantes incluem:

- Empreendedorismo feminino: A Rede Mulher Empreendedora, por exemplo, apoia mulheres em regiões periféricas e favelas do Brasil através de programas de empreendedorismo e empregabilidade. Desde 2017, 11 milhões de mulheres brasileiras de 26 estados receberam mentoria, treinamento ou apoio financeiro para seus negócios através da Plataforma (Trindade, 2024).
- Educação e alfabetização: O projeto Estante Mágica, fundado por Robson Melo, promove a leitura e a escrita desde cedo. Em 13 anos, o modelo ajudou 2,5 milhões de estudantes brasileiros a escreverem seus próprios livros (Trindade, 2024).
- Inclusão econômica: O Fundo Agbara, lançado em 2020, fornece apoio e assistência financeira a mulheres negras em negócios informais. Desde setembro de 2020, 197 iniciativas de negócios receberam contribuições de R\$ 10.000, e o fundo mobilizou um total de R\$ 2 milhões em doações e serviços prestados (Trindade, 2024).

5.3.2 Perfil dos inovadores sociais

Os inovadores sociais no Brasil apresentam perfis diversos, mas compartilham características comuns:

- Origem em comunidades vulneráveis: Muitos inovadores sociais vêm de regiões economicamente desfavorecidas e buscam soluções para problemas que experimentaram pessoalmente. Por exemplo, Ana Fontes, fundadora da Rede

Mulher Empreendedora, é originária de uma das regiões mais pobres do país (Trindade, 2024).

- Foco em parcerias e alianças: A maioria dos empreendimentos sociais inovou com base em uma estratégia voltada para a construção de parcerias e alianças (Comini, 2021).
- Orientação para o mercado ou para o social: Os negócios sociais apresentam diferentes lógicas de operação. Aqueles baseados em uma lógica social estão mais preocupados com a geração de valor socioambiental, enquanto os guiados por uma lógica de mercado focam mais na amplitude de suas inovações (Comini, 2021).
- Capacidade de inovação: Os inovadores sociais brasileiros demonstram capacidade de aproveitar lacunas no mercado, provavelmente devido a falhas na atuação do governo ou falta de interesse de grandes corporações (Comini, 2021).

5.3.3 Modelos de negócio social

Os modelos de negócio social determinam a sustentabilidade e escalabilidade dos projetos de inovação social. Estes modelos procuram equilibrar a missão social com a necessidade de gerar receitas, um desafio significativo para os empreendedores sociais (Lessa, 2019). É essencial encontrar o equilíbrio certo entre a procura de rendimentos de fontes externas e a fidelidade à missão (Lessa *et al.*, 2019).

As empresas sociais enfrentam desafios complexos e específicos que exigem respostas proporcionais. A percepção e resolução de problemas específicos é vital tanto para empresas com fins lucrativos como para empresas. Para crescer no seu campo, os empreendedores sociais precisam de resolver cinco questões principais (Lessa *et al.*, 2019): acesso a financiamento e investimento; falta de compreensão do conceito por parte das partes interessadas não financeiras e do público; preços dos serviços e gestão do fluxo de caixa; recrutamento e retenção de pessoal e adaptação às mudanças no seu campo.

5.3.4 Estratégias de crescimento e replicação

As estratégias de crescimento e replicação são fundamentais para aumentar o impacto social das iniciativas inovadoras. A literatura sobre o escalonamento da Inovação Social identifica três estratégias distintas (Davies; Simon, 2013):

- Disseminação: Fornecimento de informações e assistência técnica a outros que procuram trazer uma inovação para a sua comunidade;
- Afiliação: Criação de relações formais com acordos específicos para criar uma rede identificável;
- Ramificação: Criação de locais através de uma grande organização.

Estas estratégias representam um continuum que requer um grau crescente de coordenação central e recursos crescentes. Uma tipologia mais recente inclui (Davies; Simon, 2013): crescimento dentro da organização; relações formalizadas com outros fornecedores; e partilha de acesso aberto e divulgação de boas práticas.

5.3.5 Desafios na manutenção a longo prazo

A manutenção a longo prazo dos projetos de Inovação Social enfrenta vários desafios. Um dos maiores problemas que as empresas sociais precisam de abordar é a falta de um quadro jurídico adaptado à sua natureza peculiar (Lessa *et al.*, 2019). Estes quadros variam no que diz respeito ao tratamento fiscal que proporcionam às organizações empresariais sociais.

A medição do impacto é de importância central para as empresas sociais e as Inovações Sociais e, por conseguinte, desempenhará um papel mais importante nas medidas de financiamento adequadas (BMWK, 2021). A diversidade e a heterogeneidade a nível individual, comunitário e regional são uma importante fonte para o desenvolvimento de soluções diversificadas para as necessidades da sociedade (BMWK, 2021).

5.3.6 O Papel da Tecnologia na Inovação Social

No Brasil, várias iniciativas têm demonstrado o potencial transformador da tecnologia na resolução de desafios sociais. Um exemplo notável é o programa Todos Conectados, uma parceria entre a Viasat e o Instituto Novo Sertão, que tem proporcionado acesso à internet e recursos de alfabetização digital em áreas remotas do nordeste brasileiro (Viasat, 2023). Desde 2022, este programa tem tido um impacto direto em mais de 500 pessoas em quatro locais remotos em Betânia do Piauí. A iniciativa não se limita a fornecer acesso à internet, mas também inclui a doação de computadores e apoio financeiro para a equipe local, demonstrando a importância de parcerias significativas entre empresas e organizações sem fins lucrativos (Viasat, 2023).

A falta de infraestrutura digital robusta em áreas rurais e remotas constitui uma barreira significativa à inclusão digital (Alves, 2024). Para combater estes desafios, várias iniciativas foram lançadas no Brasil para promover a inclusão digital. O Programa Internet Para Todos, uma iniciativa governamental, visava levar acesso à internet de alta velocidade a regiões remotas e mal servidas. O Projeto Telecentros.BR estabeleceu telecentros comunitários em áreas urbanas e rurais mal servidas, oferecendo acesso gratuito à internet e programas de formação em informática (Alves, 2024).

6. DIMENSÕES DAS INICIATIVAS DE IS NA REGIÃO NORDESTE

O Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) destaca que a região Nordeste do Brasil ainda apresenta os índices mais baixos de desenvolvimento em comparação com outras regiões do país (PNUD, 2023). Apesar de melhorias significativas nas últimas décadas, muitos estados nordestinos enfrentam desafios expressivos, especialmente em áreas como educação e renda. Alagoas, por exemplo, continua sendo um dos estados com o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) mais baixo do Brasil, com um IDH de 0,684 em 2021, o que o colocou como o segundo pior IDH do Brasil (PNUD, 2023).

O desenvolvimento desigual das regiões brasileiras é um tema amplamente discutido na literatura econômica e social, com destaque para as análises de Ruy Moreira, Celso Furtado e Francisco de Oliveira, que oferecem uma visão crítica sobre os impactos da industrialização e a centralização econômica no Brasil. Conforme Ruy Moreira (2024), o processo de industrialização no Brasil desestruturou a correlação histórica entre arranjos geoeconômicos e geobotânicos, resultando em uma divisão territorial do trabalho que consolidou a concentração industrial no Sul e Sudeste (Moreira, 2024). Essa concentração não apenas estabeleceu um polo econômico dominante, mas também acentuou o desequilíbrio socioeconômico inter-regional, com o Nordeste e outras regiões sendo marginalizadas do processo de desenvolvimento.

Celso Furtado (2009) e Francisco de Oliveira (2008) argumentam que a integração do mercado nacional resultou em uma distribuição desequilibrada da renda e da produção. Antes dessa integração, as regiões brasileiras possuíam uma maior autonomia, vinculadas a ciclos econômicos específicos. Entretanto, o processo de industrialização do Sul e Sudeste exacerbava essas disparidades. Furtado (2009) destaca que o Nordeste, mesmo antes da industrialização, já enfrentava uma estrutura econômica arcaica e de baixa

produtividade, intensificando os efeitos da exclusão no processo de desenvolvimento. Oliveira (2008) afirma que o conflito entre regiões em crescimento e as estagnadas resultou em uma concentração de poder econômico que perpetuaria as desigualdades regionais.

Entre os séculos XVI e XIX, a economia nordestina foi estruturada em torno da monocultura escrava no litoral e, no interior, por meio de uma economia rural de subsistência. Essa configuração propiciou a concentração de terras e riquezas nas mãos de poucos, enquanto a maioria da população era excluída dos benefícios econômicos (Oliveira, 2008). A industrialização iniciada no final do século XIX, e intensificada nos anos 1930, reforçou essas desigualdades, criando um processo de concentração da produção no Sudeste (Furtado, 2009).

Wilson Cano (2007) observa que esse processo de industrialização polarizou o desenvolvimento econômico em torno dos grandes centros urbanos do Sudeste, deixando o Nordeste com uma base produtiva subdesenvolvida e um mercado de trabalho menos qualificado. A construção de grandes rodovias, como a BR-101 e a BR-116, e a integração nacional pós-1950, diferenciaram qualitativamente a concentração industrial, favorecendo as áreas desenvolvidas enquanto o Nordeste continuava carente de investimentos significativos (Bacelar, 2017). Essa integração reforçou a condição periférica do Nordeste dentro do modelo de desenvolvimento brasileiro, facilitando o escoamento de produtos e serviços do Sudeste, mas sem promover a industrialização local.

Adicionalmente, a perpetuação das desigualdades no Nordeste está ligada ao domínio histórico das oligarquias locais, que controlam recursos políticos e econômicos, mantendo um modelo clientelista que impede a redistribuição efetiva de renda e a inclusão social. Estudos recentes reforçam que essas estruturas ainda influenciam significativamente a região (De Souza; Braga, 2023; Souza, 2015).

6.1 Abordagem das Inovações Sociais no Nordeste

As iniciativas de inovação social mapeadas na região Nordeste do Brasil buscam soluções adaptadas às particularidades locais, valorizando o conhecimento tradicional e promovendo a inclusão de populações marginalizadas como protagonistas das

transformações sociais. No entanto, uma análise aprofundada dos dados regionais revela dinâmicas diferenciadas que precisam ser sistematizadas para uma compreensão adequada. A presente análise é fundamentada nas metodologias da Seção 3, com ênfase na Análise de Redes Sociais (ARS), utilizada para mapear as interações entre atores. A ARS atua como uma abordagem analítica que facilita a compreensão das colaborações em contextos marcados por desafios sociais e econômicos profundos. O mapeamento dessas interações desvenda padrões de colaboração que se traduzem em capital social, refletindo o valor das conexões e parcerias estabelecidas entre os diferentes atores (Putnam, 2000).

Além de identificar os atores mais influentes dentro de uma rede, a ARS mapeia os fluxos de informação e recursos que circulam entre esses agentes. Essa análise é baseada na ideia de que a posição estrutural de um ator na rede pode determinar seu grau de influência e acesso a oportunidades (Valente, 2010; Freeman, 2011). A construção de redes sociais envolve três elementos principais: nós, que representam os atores ou instituições; arestas, que simbolizam as conexões ou relações entre esses nós; e fluxos, que indicam a direção e intensidade das trocas de conhecimento ou recursos (Guimarães & Melo, 2005). Ademais, a ARS pode ser combinada com a teoria do capital social, que enfatiza o valor das redes e parcerias na promoção de ações coletivas. Redes densas e colaborativas aumentam a probabilidade de inovação bem-sucedida, enquanto redes fragmentadas tendem a ser menos eficazes na resolução de problemas sociais complexos.

6.2 Resultados da ARS das IS no Nordeste

A Análise de Redes Sociais revela uma estrutura social composta por oito clusters temáticos, cada um representando uma área-chave de intervenção. O primeiro destaque é o cluster "Agricultura Sustentável e Biotecnologia", que agrupa fortemente projetos voltados para práticas de sustentabilidade agrícola e biotecnologia. Esse grupo é liderado por organizações como as Associações de Sustentabilidade (AS) e as Empresas Privadas Relacionadas (EPR), que trabalham para promover iniciativas como agroecologia e segurança alimentar em ambientes semiáridos. Essa forte concentração sugere uma cooperação sólida entre instituições que buscam soluções tecnológicas e práticas para desafios agrícolas, formando uma malha de interações.

O segundo cluster, "Desenvolvimento Comunitário", engloba iniciativas que focam no fortalecimento das capacidades organizativas e no empoderamento de comunidades vulneráveis. Ele reflete um trabalho cooperativo entre associações comunitárias e organizações não-governamentais (ONGs), que demonstram forte conectividade entre si. A rede aqui se apresenta mais dispersa em comparação ao cluster agrícola, sugerindo uma abordagem mais colaborativa e flexível para alcançar diferentes territórios e grupos.

O cluster "Educação Inclusiva" agrupa projetos com ênfase na promoção de educação de qualidade para populações marginalizadas. Observa-se uma conectividade expressiva entre Entidades Públicas (ENP) e Empresas Públicas (EPU) e instituições de ensino (IEN).

No cluster "Eficiência Energética e Energias Renováveis", observa-se uma rede voltada para a inovação energética, com a predominância de empresas privadas e ONGs. Essa rede apresenta a integração entre atores privados e sem fins lucrativos para promover soluções tecnológicas sustentáveis, como a transição para energias renováveis e a otimização do consumo energético.

As áreas temáticas de "Esportes", "Saúde Pública" e "Tecnologia da Informação, Computação e Inteligência Artificial" formam três outros clusters com dinâmicas distintas. O cluster de esportes se destaca como um instrumento de inclusão social, com organizações comunitárias e ONGs trabalhando em conjunto para ampliar o acesso às práticas esportivas. O cluster de saúde pública, com uma forte presença de empresas privadas e ONGs, revela a importância da inovação tecnológica no acesso à saúde, especialmente em áreas subdesenvolvidas. Já o cluster de tecnologia da informação e inteligência artificial agrupa empresas privadas de tecnologia que buscam inovar e desenvolver soluções para os desafios locais com tecnologias sociais, evidenciando uma menor, mas decisiva, presença de ONGs nesse campo.

O cluster residual reúne projetos que não se encaixam perfeitamente nas demais categorias, o que aponta para a necessidade de flexibilidade e adaptação de muitas iniciativas em áreas não tradicionalmente mapeadas pelas intervenções sociais analisadas.

Em termos de conectividade, o ARS evidencia a interconectividade entre ONGs e associações, sugerindo colaborações intensas em áreas como desenvolvimento

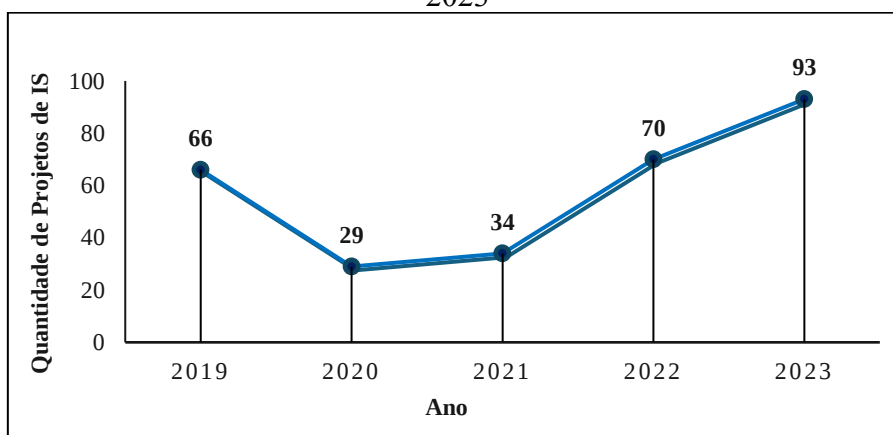
comunitário, educação inclusiva e agricultura sustentável. As ONGs, especialmente, demonstram um papel ativo na implementação de tecnologias sustentáveis e na promoção de iniciativas inclusivas. Empresas privadas, por outro lado, apresentam uma atuação destacada nas áreas tecnológicas, como a tecnologia da informação e a saúde pública, funcionando como catalisadoras da inovação tecnológica social. Por fim, instituições de ensino e fundações públicas, embora com menor número de projetos, mostram-se fundamentais em áreas como educação e agricultura sustentável, em grande parte devido ao seu papel de pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias e metodologias.

6.3 Estatística Descritiva das IS no Nordeste

Após a realização da análise qualitativa por meio da Análise de Redes Sociais (ARS), que revelou as interações e colaborações entre os diversos atores envolvidos nas iniciativas de Inovação Social no Nordeste do Brasil, esta investigação prossegue com uma abordagem metodológica quantitativa, com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre a distribuição geográfica, os impactos temporais e as características dos projetos mapeados.

Por meio da apresentação de gráficos e análises estatísticas, essa etapa busca quantificar o alcance das iniciativas ao longo dos anos, com ênfase no período compreendido entre 2019 e 2023, fornecendo uma representação visual das tendências, variações e resultados que contribuíram para o desenvolvimento socioeconômico das comunidades. Essa transição da análise qualitativa para a quantitativa permite a integração de dados relacionais e estatísticos, gerando uma compreensão abrangente das dinâmicas de inovação social na região, e possibilitando a identificação de padrões, tendências e relações entre as variáveis estudadas, que poderão ser utilizadas para informar políticas públicas e estratégias de desenvolvimento que busquem fomentar a inovação social no Nordeste do Brasil, conforme a Figura 2.

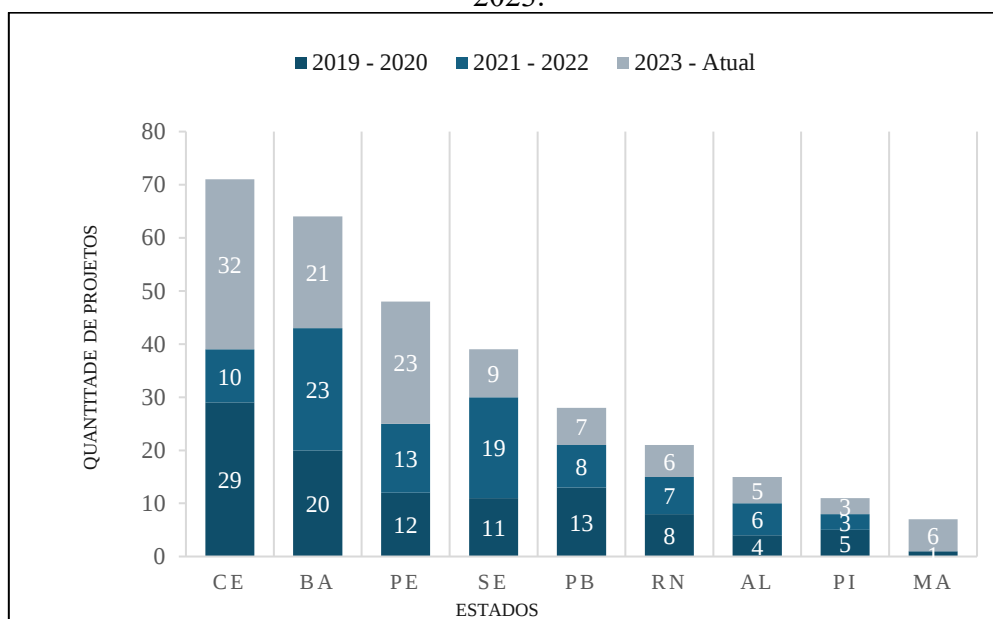
Gráfico 1 – Quantitativo anual de projetos de IS na região Nordeste ao longo de 2019 a 2023



Fonte: Elaborado pela autora com base em consulta realizada nas plataformas de fomento do Banco do Brasil (Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social), Banco Itaú (Programa Itaú Social), Banco do Nordeste (FUNDECI), e Fapitec (Fundação de Amparo à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe), por meio de acesso direto às plataformas e aos relatórios disponíveis publicamente.

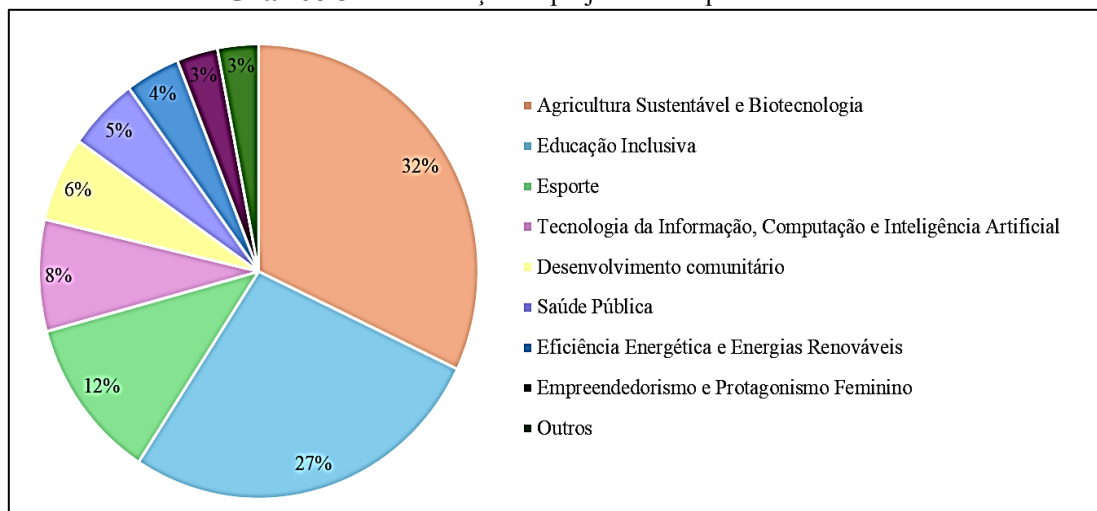
Saindo de um quantitativo considerável em 2019, em 2020, nota-se uma queda acentuada no número de projetos, que pode ser atribuída às incertezas e desafios trazidos pela pandemia de COVID-19. O declínio é consistente com a literatura que aponta que, em momentos de crise global, a alocação de recursos para novos projetos de inovação tende a diminuir, devido à necessidade de realocação de fundos para medidas emergenciais (Mazzucato, 2018; Murray *et al.*, 2010). Entre 2021 e 2023, observa-se uma recuperação gradual e um subsequente crescimento, que ultrapassa os níveis de 2019, chegando a aproximadamente 90 projetos em 2023. Este crescimento pode ser interpretado como uma recuperação econômica pós-pandemia e a implementação de políticas públicas e privadas que visaram impulsionar a inovação como um caminho para a retomada do desenvolvimento social e econômico (Dacin *et al.*, 2011).

Gráfico 2 – Quantitativo de projetos de IS por Estado do nordeste ao longo de 2019 a 2023.



Fonte: Elaborado pela autora com base em consulta realizada nas plataformas de fomento do Banco do Brasil (Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social), Banco Itaú (Programa Itaú Social), Banco do Nordeste (FUNDECI), e Fapitec (Fundação de Amparo à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe), por meio de acesso direto às plataformas e aos relatórios disponíveis publicamente.

O gráfico da Figura 3 ilustra a distribuição das Inovações Sociais pelos estados do Nordeste e revela uma concentração significativa de projetos em determinados estados. Os estados da Bahia (BA) e Pernambuco (PE) destacam-se como os principais polos de desenvolvimento de IS, representando conjuntamente cerca de 40% do total de 304 projetos mapeados. Essa concentração pode ser explicada pela infraestrutura e pelo histórico de políticas públicas focadas na inovação e no empreendedorismo social nessas regiões (Fischer, 2020). Por outro lado, estados como Piauí (PI) e Maranhão (MA) apresentam uma menor densidade de projetos, sugerindo possíveis desafios relacionados ao acesso a recursos e à presença de ecossistemas de inovação menos consolidados (Schwenkel, 2021).

Gráfico 3 – Distribuição de projetos de IS por área temática.

Fonte: Elaborado pela autora com base em consulta realizada nas plataformas de fomento do Banco do Brasil (Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social), Banco Itaú (Programa Itaú Social), Banco do Nordeste (FUNDECI), e Fapitec (Fundação de Amparo à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe), por meio de acesso direto às plataformas e aos relatórios disponíveis publicamente.

Agricultura Sustentável e Biotecnologia: 32%

A maior parte das Inovações Sociais mapeadas está concentrada na área de Agricultura Sustentável e Biotecnologia, representando 31,9% do total. Esse dado reflete a importância da agricultura para a economia e a subsistência e o enfrentamento de desafios relacionados à segurança alimentar, mudanças climáticas e degradação ambiental (Dias, 2017; Campos *et al.*, 2018).

Educação Inclusiva: 27%

A segunda área mais destacada é a Educação Inclusiva, que abrange 27% das IS mapeadas. A relevância dessa área é associada às necessidades urgentes de inclusão educacional (Santos *et al.*, 2019). Iniciativas de educação inclusiva são voltadas a promoção de equidade (Garcia *et al.*, 2020).

Esporte: 12%

Segundo Rodrigues (2021), a alta porcentagem de projetos nessa área pode ser vista como um esforço para utilizar o esporte como meio de integração social, desenvolvimento de habilidades e promoção de valores.

Tecnologia da Informação, Computação e Inteligência Artificial: 8%

Embora representativa, essa porcentagem relativamente menor pode indicar que, apesar do reconhecimento da importância dessas tecnologias para o desenvolvimento, ainda há desafios significativos relacionados ao acesso e à capacitação tecnológica na região (Cabral *et al.*, 2023).

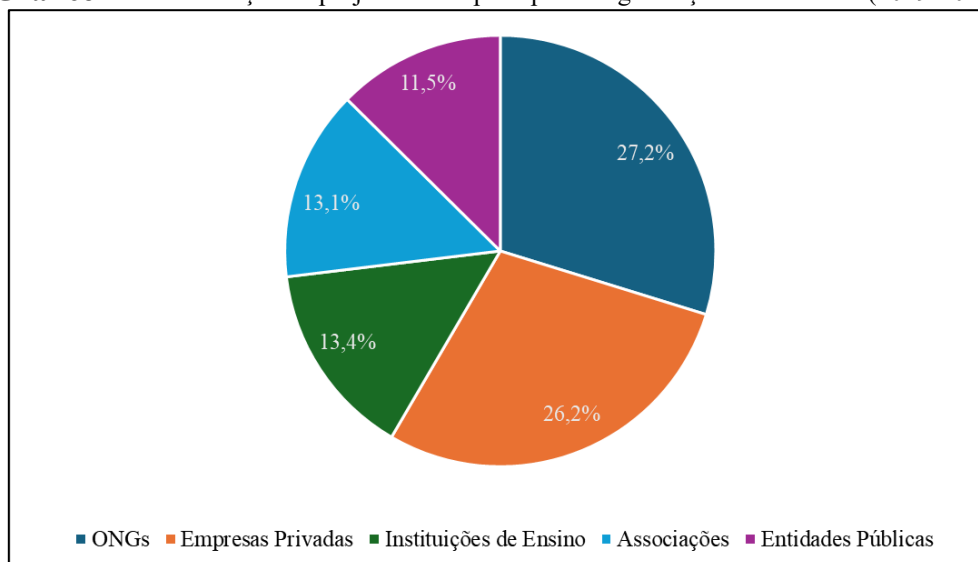
Desenvolvimento Comunitário: 6% e Saúde Pública: 5%

Destaca-se a necessidade de fortalecer as capacidades locais, empoderando as comunidades para que possam liderar seus próprios processos de desenvolvimento (PUTNAM, 2000). Já a Saúde Pública também parece receber menos atenção em termos de projetos inovadores, o que pode refletir uma lacuna na abordagem de questões de saúde na região, ou uma dependência maior das políticas públicas tradicionais para atender a essa demanda.

Eficiência Energética e Energias Renováveis: 4%

O baixo percentual pode indicar que, embora o Nordeste tenha um potencial significativo para energias renováveis, como solar e eólica, as Inovações Sociais nesse setor ainda são limitadas. Isso sugere uma oportunidade para expandir os esforços nessa área, especialmente considerando a importância da transição energética para o desenvolvimento sustentável da região (MMA, 2018).

Gráfico 4 – Distribuição de projetos de IS por tipo de organização no Nordeste (2019-2023).



Fonte: Elaborado pela autora com base em consulta realizada nas plataformas de fomento do Banco do Brasil (Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social), Banco Itaú (Programa Itaú Social), Banco do Nordeste (FUNDECI), e Fapitec (Fundação de Amparo à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe), por meio de acesso direto às plataformas e aos relatórios disponíveis publicamente.

ONGs: 27,2%

As organizações não governamentais (ONGs) representam a maior fatia entre as organizações envolvidas nas Inovações Sociais analisadas, com 27,2%. As ONGs atuam como pontes entre as comunidades e outras instituições, permitindo uma implementação mais eficiente de projetos que atendam às necessidades locais (Solidade, 2024).

Empresas Privadas: 26,2%

As empresas privadas contribuem com 26,2% das Inovações Sociais. Esse dado demonstra o envolvimento crescente do setor privado em iniciativas de responsabilidade social e sustentabilidade (Porter; Kramer, 2011; Ribeiro, 2021).

Instituições de Ensino: 13,4%

As Instituições de Ensino representam 13,4% das organizações envolvidas nas IS. As universidades e centros de pesquisa estão inseridos no desenvolvimento de Inovações Sociais ao fornecerem conhecimento técnico e científico e ao promoverem a cultura de inovação.

Associações: 13,1%

As Associações têm um papel na mobilização e organização de grupos em torno de interesses comuns (Pimenta, 2017). As associações são provocadas pelas dinâmicas locais, o que lhes permite desenvolver e implementar Inovações Sociais adaptadas às necessidades específicas de cada comunidade.

Entidades Públicas: 11,5%

Entidades Públicas refletem a participação do governo na promoção de Inovações Sociais. A atuação do setor público é favorável à inovação por meio de políticas públicas, financiamento ou parcerias público-privadas, que visam transformar estruturas sociais e econômicas em larga escala (Fischer, 2020).

6.4 Impactos Observados

A análise de 304 projetos de Inovações Sociais (IS) financiados no Nordeste brasileiro (2019-2023) revela seu impacto multidimensional no desenvolvimento regional. Os resultados indicam transformações socioeconômicas significativas,

demonstrando o potencial catalítico das IS na superação de desafios históricos. A abrangência da análise inclui as dimensões social, econômica, ambiental e institucional da governança local.

No âmbito social, as iniciativas de IS têm promovido a inclusão e o empoderamento de grupos historicamente marginalizados. Projetos voltados à educação inclusiva ampliaram o acesso à educação de qualidade, contribuindo para a redução das desigualdades educacionais. Segundo dados do Censo Escolar de 2023, a taxa de escolarização de crianças entre 6 e 14 anos no Nordeste atingiu 96,9%, representando um avanço expressivo em relação ao ano anterior (INEP, 2023).

Sob a perspectiva econômica, as IS têm estimulado o empreendedorismo local e a economia solidária, criando oportunidades de emprego e incrementando a renda das comunidades. Iniciativas de microcrédito e suporte a pequenos negócios possibilitaram que indivíduos de baixa renda iniciassem seus próprios empreendimentos, promovendo a autonomia financeira e contribuindo para a redução da pobreza (IPEA, 2023). Entre 2019 e 2023, houve um aumento de 15% na renda média das famílias nas regiões impactadas por essas iniciativas, conforme dados do SEBRAE (SEBRAE, 2023).

Na dimensão ambiental, as IS têm promovido práticas sustentáveis, especialmente na agricultura, considerando as condições climáticas desafiadoras da região Nordeste. A adoção de técnicas agrícolas inovadoras, como a agricultura de sequeiro e sistemas agroflorestais adaptados ao semiárido, contribuiu para a conservação dos recursos hídricos escassos e aumento da produtividade em condições adversas. Essas práticas não apenas reduziram a degradação ambiental típica da região, mas também promoveram a resiliência dos ecossistemas locais, como a Caatinga (Embrapa Semiárido, 2024).

Institucionalmente, as iniciativas impactaram as práticas de governança, promovendo maior colaboração entre organizações não governamentais, empresas privadas, instituições acadêmicas e entidades públicas. A análise de redes sociais revelou elevada densidade de conexões entre os atores envolvidos, indicando um ecossistema colaborativo de intercâmbio eficiente de informações e recursos. Esse ambiente colaborativo facilita a implementação de políticas públicas mais eficazes e adaptadas às necessidades locais, aprimorando a governança e incentivando maior participação comunitária nos processos decisórios. O papel das redes fortalece o capital social,

promovendo coesão comunitária e facilitando a implementação de soluções adaptadas ao ecossistema regional.

Essas iniciativas não se restringem à resolução de problemas imediatos, mas também promovem transformações estruturais, alterando relações sociais e fortalecendo práticas de governança inclusivas. Por meio do empoderamento comunitário, da promoção de práticas sustentáveis e da construção de redes colaborativas, as IS têm impulsionado o progresso regional integrado. Contudo, a continuidade e ampliação desses impactos dependem do fortalecimento contínuo das redes locais, do apoio institucional e limitações de recursos. O presente estudo evidencia que as IS no Nordeste brasileiro não são meras soluções pontuais, mas sim catalisadoras de uma transformação social mais ampla e duradoura, alinhada aos princípios de desenvolvimento sustentável e inclusivo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo realizou o mapeamento e a análise de impacto da Inovação Social (IS) no Nordeste brasileiro, contextualizando-a no desenvolvimento do Sul Global. Utilizando análise documental, estatística descritiva e Análise de Redes Sociais (ARS), foram mapeadas 304 iniciativas de IS entre 2019 e 2023, identificando atores, redes de colaboração e impactos multidimensionais (sociais, econômicos, ambientais e institucionais). A análise revelou uma diversidade de iniciativas, majoritariamente focadas em inclusão social, desenvolvimento sustentável e fortalecimento comunitário. A ARS, com densidade de 0.55, indicou coesão moderada na rede de projetos. Quantitativamente expõe-se desafios em escalabilidade, com fragilidades estruturais que limitam a replicabilidade e ampliação do impacto das iniciativas. Contudo, a ARS sinalizou o potencial das redes de colaboração na mitigação dessas limitações.

As Inovações Sociais atuam como agentes de reconfiguração estrutural no Sul Global, respondendo a desafios sistêmicos como pobreza e desigualdade, preenchendo lacunas em políticas públicas tradicionais. A pesquisa corrobora a centralidade da IS no desenvolvimento do Sul Global, demonstrando seu potencial transformador. A consolidação desse impacto, porém, requer um ambiente favorável, com suporte institucional de longo prazo. A Inovação Social no Nordeste Brasileiro representa um modelo de desenvolvimento para o Sul Global, condicionado a uma governança sólida. A perenidade desse modelo reside na capacidade dos atores envolvidos em fortalecer as interações, expandir as redes colaborativas e assegurar a sustentabilidade das iniciativas.

REFERÊNCIAS

- BANCO Interamericano de Desenvolvimento (BID). **Relatório sobre Inovação e Desenvolvimento na América Latina**. 2019. Disponível em: <https://www.iadb.org>.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BEGA, E.; MONGELLI, L.; RULLANI, F.; *et al.* Social Entrepreneurship and Social Innovation Between Global North and Global South: The Ashoka Case. **Sustainable Development Goals Series**, p. 159–173, 2021.
- BOWEN, G. A. Document analysis as a qualitative research method. **Qualitative Research Journal**, v. 9, n. 2, p. 27-40, 2009.
- BRANDÃO, L. **Inovação Social e Justiça Social: A Construção de uma Democracia Participativa**. São Paulo: Editora Vozes, 2020.
- Brazil: Social Innovation and Community Development**. School for International Training (SIT). Disponível em: <https://digitalcollections.sit.edu/brr2/>. Acesso em: 12 abr. 2024.
- CABRAL, L. S. C., *et al.* Popularização e democratização da inteligência artificial no Nordeste brasileiro: um relato de experiência. **Revista Práxis Saberes da Extensão**, v. 11, n. 23, p. 60, 2023.
- CAMPOS, J. S.; SILVA, A. M. Desenvolvimento Sustentável e Inovação Social no Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Inovação**, v. 17, n. 1, p. 123-143, 2018.
- CANNAVALE, C.; CLAUDIO, L.; SIMONI, M. How social innovations spread globally through the process of reverse innovation: a case-study from the South Korea. **Italian Journal of Marketing**, v. 2021, n. 4, p. 421–440, 2021.
- CHANG, H-J. **Chutando a Escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- COMINI, G. M.; FISCHER, R. M.; D’AMARIO, E. Q. Social business and social innovation: the Brazilian experience. **Innovation & Management Review**, v. 19, n. 2, p. 140–155, 2021.
- COSTA, M. A. D.; CRAVEIRO, D. B. Inovação Social e Desenvolvimento Sustentável: Um estudo sobre o Programa P1MC no Semiárido Brasileiro. **Revista de Administração Pública**, v. 48, n. 6, p. 1535-1559, 2014.
- CRESWELL, J. W. **Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. 4. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2014.

DAGNINO, R. Inovação Social e Tecnológica: desafios para a inclusão social no Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, v. 47, n. 1, p. 65-83, 2016.

DIAS, J. Agricultura e Sustentabilidade no Semiárido Brasileiro. **Revista de Desenvolvimento Sustentável**, v. 5, n. 3, p. 45-60, 2017.

EDLER, J.; OSTERTAG, K.; SCHULER, J. Social innovation, transformation, and public policy: towards a conceptualization and critical appraisal. **Science and Public Policy**, v. 51, n. 1, p. 80–88, 2023. Disponível em:

<https://academic.oup.com/spp/article/51/1/80/7281956>. Acesso em: 22 maio 2024.

GONÇALVES, M. F.; NEVES, M. C. R.; BRAGA, M. J. The economy of the North-East region of Brazil based on the 2011 regional input-output matrix. **CEPAL Review**, v. 134, 2021.

FISCHER, T. Inovação Social e Políticas Públicas no Brasil: Uma Perspectiva Histórica. **Revista de Administração Pública**, v. 54, n. 2, p. 265-285, 2020.

FONTAN, J. M.; KLEIN, J. L.; TREMBLAY, D. G. Innovation socioterritoriale et reconversion économique: le rôle des systèmes d'acteurs dans deux quartiers de Montréal. **Canadian Journal of Regional Science**, v. 27, n. 1, p. 85-104, 2004.

FUNDAÇÃO Lemann. **Programa de Aceleração de Soluções para o Desenvolvimento**. 2022. Disponível em: <https://www.fundacaolemann.org.br>.

GEELS, F. W. The Multi-Level Perspective on Sustainability Transitions: Responses to Seven Criticisms. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 1, n. 1, p. 24-40, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOSTINI, M. R.; BITENCOURT, C. C.; ZANANDREA, G. Social innovation in the Brazilian context: a continental country in search of transformation. In: HOWALDT, J.; KALETKA, C.; SCHRÖDER, A.; *et al.* (Orgs.). **Atlas of Social Innovation**. [s.l.]: oekom verlag GmbH, 2020. Disponível em:

https://www.socialinnovationatlas.net/fileadmin/PDF/volume-2/02_SI-around-the-World/02_02_SI-in-the-brazilian-Context_Agostini-Bitencourt-Zanandrea.pdf. Acesso em: 24 ago. 2024.

HANUSCH, M.; MORGANDI, M.; FLEISCHHAKER, C.; *et al.* **What does the future hold for Brazil?** World Bank Blogs. Disponível em:

<https://blogs.worldbank.org/en/latinamerica/what-does-future-hold-brazil>. Acesso em: 12 abr. 2024.

- HAXELTINE, A.; *et al.* A Framework for Transformative Social Innovation. **TransIT Working Paper**, n. 2, 2017.
- HILL, D.; *et al.* **Solidarity Economy and Community Empowerment: The Role of Social Innovation in Brazil**, 2023.
- HOSTETTLER, S. From innovation to social impact. In: HOSTETTLER, S.; NAJIH BESSON, S.; BOLAY, J. C. (Eds.). **Technologies for Development**. UNESCO, 2016, 2018.
- HULGÅRD, L.; FERREIRA, S. Social innovation and public policy. In: **Atlas of Social Innovation: New Practices for a Better Future**. 2019.
- HULGÅRD, L.; SHAJAHAN, P. K. **Social innovation and social enterprises in the global south**. Routledge, 2019.
- IBGE. **Censo de Inovação**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>.
- IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.
- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Rendimento de todas as fontes**. 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- INEP. **Censo Escolar da Educação Básica**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- KATAPALLY, T. R.; BHAWRA, J. Inverting social innovation to transform health system responses to climate change adaptation and mitigation in the global south. **Frontiers in Public Health**, v. 12, 2024.
- KLEIN, J. L.; TREMBLAY, D. G. Social economy, social innovation and social entrepreneurship: a theoretical debate and public policy issues. **Canadian Journal of Regional Science**, v. 34, n. 3, p. 383-402, 2011.
- KRIPPENDORFF, K. **Content analysis: an introduction to its methodology**. 3. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2013.
- LEMA, R.; KRAEMER-MBULA, E.; RAKAS, M. Innovation in developing countries: examining two decades of research. **Innovation and Development**, v. 11, n. 2-3, p. 189–210, 2021.
- LESSA, B. S.; FERREIRA, R.; CARLOS, J.; *et al.* The strategies of effective social entrepreneurs to frame challenges in one of Brazil's most underdeveloped regions. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 15, n. 1, 2019.

- LOGUE, D. Book Review: Theories of social innovation. **The Innovation Journal: The Public Sector Innovation Journal**, v. 25, n. 2, p. 2020, 2022.
- LUKHELE, N.; SOUMONNI, O. Modes of innovation used by SMMEs to tackle social challenges in South Africa. **African Journal of Science, Technology, Innovation and Development**, v. 13, n. 7, p. 1–9, 2020.
- MAZZUCATO, Mariana. **The Entrepreneurial State: Debunking Public vs. Private Sector Myths**. Anthem Press, 2013.
- MDLELENI, Lwando; VELAPI, Linda. ¿Puede la Innovación Social contribuir al avance del programa PMTCT? Una reflexión sudafricana. **European Public & Social Innovation Review, España**, v. 7, n. 1, p. 43–56, 2022.
- MIGNOLO, W. D. **The Idea of Latin America**. Blackwell Publishing, 2007.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Cobertura de Saúde Básica**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- MMA - Ministério do Meio Ambiente. **Potencial de Energias Renováveis no Brasil**. Brasília: MMA, 2018.
- MULGAN, G. **Social innovation: What it is, why it matters and how it can be accelerated**. Oxford: Skoll Centre for Social Entrepreneurship, 2007.
- MURRAY, R.; CAULIER-GRICE, J.; MULGAN, G. **The open book of social innovation**. London: The Young Foundation/NESTA, 2010.
- National Strategy for Social Innovations and Social Enterprises**. Berlin: Federal Ministry for Economic Affairs and Climate Action (BMWK), 2023. Disponível em: <https://sozialeinnovationen.net/wp-content/uploads/National-Strategy-for-Social-Innovations-and-Social-Enterprises.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2024.
- NIAZI, Sajjad Khan. A cross-country analysis of the factors driving innovation performance in the Global South. **Policy Studies**, p. 1–31, 2023.
- NICHOLLS, A.; MURDOCK, A. **Social Innovation: Blurring Boundaries to Reconfigure Markets**. London: Palgrave Macmillan, 2012.
- FURLAN, J. P.; BENETON, L. B.; BENETON, V. B.; *et al.* A instituição de ensino superior como geradora de inovação social: uma proposta de ROADMAP para a transformação social. **Revista Inovação, Projetos e Tecnologias**, v. 9, n. 2, p. 216–238, 2021.

- PHILLS, J. A. Rediscovering Social Innovation. **Stanford Social Innovation Review**, 2008.
- PIMENTA, J. Associações Comunitárias e Desenvolvimento Local: Um Estudo de Caso no Nordeste. **Revista de Desenvolvimento Regional**, v. 8, n. 2, p. 113-129, 2017.
- PNUD - **United Nations Development Programme**. Human Development Atlas in Brazil. Brasília: United Nations Development Programme, 2013.
- PAGANI, R. N.; KOVALESKI, J. L.; RESENDE, L. M. Methodi Ordinatio: A proposed methodology to select and rank relevant scientific papers encompassing the impact factor, number of citations, and year of publication. **Scientometrics**, v. 105, n. 3, p. 2109-2135, 2015.
- POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens da nossa época**. 1. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- POL, E.; VILLE, S. Social Innovation: Buzz Word or Enduring Term? **The Journal of Socio-Economics**, v. 38, p. 878-885, 2009.
- PORTER, M. E.; KRAMER, M. R. Creating Shared Value. **Harvard Business Review**, v. 89, n. 1-2, p. 62-77, 2011.
- PUTNAM, R. D. **Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community**. New York: Simon & Schuster, 2000.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. CLACSO, 2005.
- RIBEIRO, L. A. A Responsabilidade Social Empresarial no Brasil: Desafios e Oportunidades. **Revista de Negócios Sustentáveis**, v. 12, n. 3, p. 201-220, 2021.
- RIBEIRO, Samuel. How social capital influences community resilience management development. **Environmental Science & Policy**, v. 94, p. 100-110, 2019.
- RODRIGUES, C. J. O. *et al.* Inclusão social pelo esporte: o estudo de caso do time feminino do clube português do recife. **Desarrollo Sustentable, Negocios, Emprendimiento y Educación**, v. 18, n. 2, p. 89-101, 2021.
- SAKA-HELMHOUT, A.; CHAPPIN, M. M. H.; RODRIGUES, S. B. Corporate social innovation in developing countries. **Journal of Business Ethics**, v. 181, 2021.
- SANTOS, A. M. **Transformações demográficas no Nordeste brasileiro: impactos sociais e econômicos**. 2021.
- SANTOS, B. S. **Epistemologies of the South: Justice Against Epistemicide**. Boulder: Paradigm Publishers, 2014.

- SANTOS, M. R. *et al.* Indicadores Educacionais e Desigualdades Regionais no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 100, n. 253, p. 154-175, 2019.
- SATALKINA, L.; STEINER, G. Social innovation: A retrospective perspective. **Minerva**, v. 60, n. 4, 2022.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- SOLIDADE, V. A Importância das ONGs no Desenvolvimento das comunidades. **Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 2, p. 45-63, 2024.
- TRINDADE, E. (Org.). **3 social economy innovators that are driving change in Brazil**. World Economic Forum. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2024/04/3-innovators-driving-social-and-economic-change-in-brazil/>. Acesso em: 24 abr. 2024.
- WESTLEY, F.; ANTADZE, N. Making a difference: Strategies for scaling social innovation for greater impact. **The Innovation Journal**, v. 15, n. 2, p. 2-19, 2006.
- WOODSON, Thomas S.; WILLIAMS, Logan D. A. Stronger together: inclusive innovation and undone science frameworks in the Global South. **Third World Quarterly**, v. 41, n. 11, p. 1957–1972, 2020.
- WORLD ECONOMIC FORUM (WEF). **Global Gender Gap Report 2024**. Disponível em: <https://www.weforum.org/reports>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.
- YOON, Semee ; HO, Jae-Yun. Delivering sustainable development via social innovation: Cases of social entrepreneurship in South Korea and Singapore. **Sustainable development**, 2024.
- YUNUS, M. **Creating a World Without Poverty: Social Business and the Future of Capitalism**. New York: PublicAffairs, 2007.